

Universidade Federal de Ouro Preto

Programa de Pós-Graduação em Letras:
Estudos da Linguagem (POSLETRAS)

Dissertação

**A assinatura feminina na
imprensa paraense (1880 - 1945):
educação, feminismo, poesia e
modernismo**

Carolina Teixeira Pina

Mariana
2023



UFOP

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem

**A assinatura feminina na imprensa paraense (1880 – 1945):
educação, feminismo, poesia e modernismo**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem – Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Linguagem e Memória
Cultura

Orientador: Victor da Rosa

Mariana

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P645a Pina, Carolina Teixeira.
A assinatura feminina na imprensa paraense (1880 - 1945)
[manuscrito]: educação, feminismo, poesia e modernismo. / Carolina
Teixeira Pina. - 2023.
93 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Victor Luiz da Rosa.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro
Preto. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras:
Estudos da Linguagem.
Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Álbum do Pará. 2. Imprensa. 3. Mulheres na literatura. I. Rosa,
Victor Luiz da. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 821.134.3(81).09(043.3)

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Carolina Teixeira Pina

“A assinatura feminina na imprensa paraense (1880 - 1945): educação, feminismo, poesia e modernismo”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Aprovada em 29 de novembro de 2023

Membros da banca

Prof. Dr. Victor Luiz da Rosa - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Profa. Dra. Mônica Fernanda Rodrigues Gama - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Prof. Dr. André Cechinel - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Dr. Victor Luiz da Rosa, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 29/11/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Victor Luiz da Rosa, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/01/2024, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0630775** e o código CRC **646EB9F6**.

Dedico aos meus pais, Rosa e Antônio,
pelo amor e cuidado.

Antes que me esqueça, Poesia,
com as palavras não só combato:
durmo com elas.

Olga Savary

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Victor da Rosa, pela receptividade ao projeto inicial e por me auxiliar no amadurecimento da pesquisa sempre com um diálogo aberto e leve.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras pelo acolhimento, em especial, às professoras Carolina Anglada e Mônica Gama que acompanharam a fase inicial deste trabalho e contribuíram com esse estudo.

Agradeço às professoras do mundo virtual: Débora Diniz, Juliana Diniz e Karina Kuschnir que desde o esboço do projeto iluminam minha trajetória.

Agradeço a colega de turma e amiga Monick Santos pela parceria dentro e fora do ambiente acadêmico.

Agradeço as amigas valiosas realizadas na cidade de Mariana: Vinícius, Vitor, Laila, Mariana e, em especial, a Julia que sempre ofereceu carinho e muitas risadas.

Agradeço a minha amiga Isadora Moraes, fiel incentivadora dos meus projetos e que sempre sonha, torce e se doa pela minha felicidade.

Agradeço meu companheiro Rogério pelo encorajamento e zelo nesse ano de tantas mudanças e desafios.

Como não agradecer meu cãozinho? Obrigada, Panda, meu tesouro mais lindo.

Agradeço meus irmãos pelo amor e suporte mesmo não entendendo muito sobre o universo da pesquisa acadêmica.

Sou infinitamente grata aos meus pais, Rosa e Antônio, meus amores de sempre. Só contei do Mestrado depois da aprovação e, de imediato, vibraram e choraram, pois sabiam que ficaríamos longe. Desde então, minha vida mudou radicalmente, mudei novamente de cidade e a saudade nos atravessa. O amor e tamanha dedicação estão guardados em meu coração. Pai e mãe, obrigada, obrigada e obrigada.

Resumo

Este estudo busca apresentar escritos literários de autoria feminina presentes na imprensa paraense do entresséculos. E, para tal, compreendemos ser necessário entender o contexto social, cultural e educacional para uma mulher exercer o ofício de escritora. Para isso, também analisamos nos jornais a veiculação de artigos sobre a ascensão do movimento feminista e suas implicações. Assim, ao revisitar os periódicos amazônicos, da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Pública Arthur Vianna, encontramos poemas de autoria feminina que discorrem sobre diversos temas: amor romântico, maternidade, religião, desilusão, Amazônia. Tais escritos partem de mulheres em um território quase inaudito entre os estudos literários. Portanto, a pesquisa procurou seguir os preceitos que orientam a relação entre educação, autoria feminina na imprensa paraense e feminismo.

Palavras-chave: Autoria feminina; Imprensa Paraense; Poesia; Memória.

Abstract

This study seeks to present literary writings by female authors present in the Pará press in the intercenturies. And, to do so, we need to understand the social, cultural and educational context for a person to practice the job of writer. Therefore, we also analyzed our days of publishing articles about the rise of the feminist movement and its implications. Revisiting Amazonian newspapers, from the National Library and the Arthur Vianna Public Library, we found poems written by women that disagree on various topics: romantic love, motherhood, religion, disillusionment, the Amazon. Such writings come from women in an almost unheard territory among literary studies. Therefore, you will be able to learn about the precepts that focus on the relationship between education, female authorship and the press in Pará and feminism.

Keywords: Female signature; Paraense press; Poetry; Memoir.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01** - Capa da Dissertação: Reading woman with parasol (Henri Matisse);
- Figura 02** - Álbum do Pará em 1899;
- Figura 03** - Recorte da revista *Belém Nova* – agosto de 1926;
- Figura 04** - Recorte da revista *Belém Nova* – agosto de 1924;
- Figura 05** - Recorte da revista *Terra Imatura* – 1938;
- Figura 06** - Recorte da revista *Guajarina* – 1930;
- Figura 07** - Capa da revista *Guajarina* – 1930;
- Figura 08** - Fotografia do banho de cheiro do Ver-o-Peso;
- Figura 09** - Fotografia de Beth Cheirosinha;
- Figura 10** - Fotografia da Dona Coló;
- Figura 11** - Fotografia de uma placa de açaí;
- Figura 12** - Fotografia de Eneida.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 – Mulheres e educação.....	15
1.1 O mundo das mulheres no entresséculos.....	15
1.2 As mulheres devem estudar.....	24
Capítulo 2 – Mulheres e a imprensa paraense.....	40
2.1 – A assinatura feminina na imprensa paraense.....	40
2.2 – As mulheres devem escrever.....	46
Capítulo 3 – Mulheres e o modernismo amazônico.....	61
3.1 – A assinatura feminina no modernismo amazônico.....	61
3.2 – <i>Terra Verde</i> : Eneida diante do modernismo.....	71
Entre memória e utopia: a busca por uma literatura filógina (considerações finais).....	85
Fontes e referências bibliográficas.....	87

Introdução

Escrever — e não apenas ficção — é sempre uma apropriação indevida. Nossa singularidade como autores é uma pequena nota na margem.

ELENA FERRANTE, *Frantumaglia*

Esta pesquisa originou-se em 2020 a partir da leitura não ficcional das obras de Virginia Woolf: *Um teto todo seu*, *Mulheres e ficção*, *A leitora incomum* e *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Minha ideia inicial era a partir do debate lançado por Woolf, acerca dos impasses para uma mulher escrever, refletir sobre a produção poética de autoria feminina publicada na imprensa paraense. Com o avançar da pesquisa e depois de algumas leituras e orientações, percebemos que, de certo modo, os escritos de Woolf iluminam a pesquisa mas não precisavam seguir como eixo estruturante dos debates.

Assim, a dissertação concentrou-se em examinar os escritos literários assinados por mulheres na imprensa paraense (1880 – 1945). Os periódicos digitalizados pela Biblioteca Pública Arthur Vianna, bem como a Biblioteca Nacional, foram as principais fontes de pesquisa. O enfoque central foi buscar textos literários de autoria feminina e, de imediato, percebemos a preponderância de poemas. Além disso, nos impressos também analisamos artigos e notícias sobre o contexto social, político, educacional. O esforço se deu em mapear, sobretudo, as discussões sobre os direitos das mulheres, a emancipação feminina, o direito ao voto, afinal, no período estudado tem-se a ascensão do movimento feminista e sua crescente repercussão.

Então, traçamos algumas indagações a fim de dimensionar os desafios em torno do exercício da escrita feminina: qual narrativa construíram? que repercussão tiveram? o que gerou e alimentou a reduzida participação das mulheres no meio literário? quais os conflitos inerentes ao âmbito profissional literário? A busca por recuperar escritos de autoria feminina nos desafia a repensar a memória sobre o período em questão. Sobre o silêncio das fontes, Michelle Perrot aponta que

As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino

que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra¹.

Essa constatação de Perrot nos direciona a uma conjuntura que a todo momento reforçou a limitação criativa das mulheres. Pudor, medo, invisibilidade, entre tantos outros adjetivos, endossam a profunda desigualdade de vestígios de autoria feminina. Isso se reflete nos estudos e nas reflexões sobre a história das mulheres. Portanto, a metodologia de pesquisa buscou capturar a sociabilidade do entresséculos a fim de entender as problemáticas inerentes à escrita feminina. E, acima de tudo, reparar e difundir o legado poético de um pequeno amontoado de autoras.

Nos jornais procuramos recuperar a produção literária de autoria feminina. Ademais, buscamos analisar a movimentação cultural, as publicações literárias e a recepção dessa produção tendo em vista o lugar e o papel ao qual a sociedade impunha às mulheres. Assim, o confronto com outras tipologias documentais, como a Constituição e o Álbum de Belém do período estudado, ampliou o entendimento do universo cultural, os valores sociais, políticos e econômicos incutidos nas produções das mulheres retratadas na pesquisa. O confronto com outras tipologias documentais possibilitou relacionar os discursos com a realidade histórica. Assim, refletir sobre experiências² femininas em torno do ofício de escritoras possibilita que repensemos esse momento histórico a partir de novas inquietações. Afinal, há muito mais estudos sobre trajetórias coletivas e individuais de homens no que diz respeito a praticamente tudo que envolve a vida humana. Novos sujeitos demandam novas perguntas.

Ao ter acesso aos periódicos do período estudado (1880 – 1945) assinados por mulheres, o objetivo central da investigação tornou-se interpretar o contexto sócio-cultural, analisar a poesia de autoria feminina e a ascensão do movimento feminista na imprensa paraense. Essa dissertação busca oferecer uma perspectiva acerca da publicação de autoria feminina na imprensa paraense, a partir das contrariedades inerentes à autonomia de uma mulher em escrever aquilo que deseja.

O fio condutor da pesquisa é apresentar a conjuntura social, educacional e cultural para uma mulher exercer a escrita. A perspectiva feminista norteia a reflexão e

¹ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução: Angela Côrrea. 2. ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019. p. 17.

² Segundo E. P. Thompson, a experiência é uma categoria capaz de compreender a “resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”. THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. p. 15.

mobiliza a compreensão sobre a inserção da mulher na literatura. Educação, imprensa, feminismo, literatura e modernismo são temas que permeiam a pesquisa, logo, por meio desses campos de investigação discutimos e analisamos a produção das mulheres. A partir desses diálogos, pretende-se contribuir para uma memória cultural que contemple os escritos de mulheres, pois estes discursos desvelam a interpretação de um tempo sob a ótica feminina.

Portanto, o primeiro capítulo da dissertação, intitulado “Mulheres e educação”, buscou pincelar, ainda que de modo sumário, sobre o mundo das mulheres na passagem do século XIX para o XX. Portanto, realizamos uma articulação entre o contexto social e educacional das mulheres no Pará; escolas, currículo, professoras e alunas norteiam o debate e a reflexão do que fora destinado às mulheres.

O capítulo 2, “Mulheres e a imprensa”, engloba três debates: a discussão sobre o a presença de mulheres nos periódicos; a presença do movimento sufragista e feminista; e, por fim, analisa alguns poemas assinados por escritoras. Elmira Lima, Alegria Essucy e Henriqueta Bolonha poetizam sobre temas comumente associados ao público feminino: religiosidade e maternidade permeiam tais escritas. Dentre essas poetas, Elmira destaca-se por ter conseguido publicar um livro de poesia inteiramente dedicado à temática religiosa, tal feito foi elogiado na imprensa paraense. Adalcinda Camarão, Dulcinéa Paraense, Miriam Morais e Violeta Branca apresentam angústias, questões existenciais e conflitos amorosos, decerto, possuem um viés mais reflexivo sobre a natureza humana.

O último capítulo, “Mulheres e o modernismo amazônico”, avança na temporalidade e incorpora majoritariamente as décadas iniciais do século XX. O capítulo 3 irrompeu durante a disciplina da Pós-Graduação sobre Modernismo (*Uma semana em 100 anos*), a qual teve como cerne explorar a produção modernista entre os contemporâneos, discutir como a cultura nacional era forjada, sobretudo, por Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Raul Bopp. Cartas, notícias, diários, pinturas do modernismo paulista, contribuíram na busca por entender a perspectiva amazônica em torno dos debates acerca da cultura brasileira. Adalcinda Camarão, Elmira Lima e Ilná Pontes de Carvalho assumem a centralidade do primeiro item do referido capítulo com poemas sobre o espaço amazônico de diversas formas: caracterização da espacialidade, a figura do caboclo e o Círio de Nazaré.

Ao investigar nos jornais e revistas literárias, principalmente, da Biblioteca Pública Arthur Vianna poemas que versam sobre a Amazônia, encontramos além do

esperado: um livro de poesia sobre a cidade de Belém e o espaço amazônico que tem como autora Eneida. A publicação de um livro assinado por uma mulher da região Norte demarca a busca da autora pela valorização e reconhecimento de sua espacialidade. Assim, o item dois do terceiro capítulo concentrou-se no livro *Terra Verde* da escritora Eneida, publicado em 1929, pois é uma obra poética destoante das temáticas assinadas por mulheres que, em suma, conforme analisado, tratam do amor romântico, maternidade e religiosidade. Nos versos amazônicos de Eneida, animismo, primitivismo e lendas mobilizam a inter-relação com o movimento modernista.

A dissertação acolheu as temáticas centrais para a compreensão da produção literária de autoria feminina: educação, feminismo e modernismo nortearam a análise e possibilitaram compreender a produção das literatas à luz da periodicidade histórica. Débora Diniz e Ivone Gebara, no livro *Esperança feminista*, acreditam e defendem uma pedagogia feminista: “uma mistura criativa de possibilidades, um eterno assombrar-se, (...) um futuro pleno de esperança de que o tempo ainda a ser vivido será mais livre e seguro para todas”. Quando pensamos na literatura, acreditamos que nomear poetas e rememorar os escritos assinados por mulheres seja um bom começo para essa história.

Capítulo 1: Mulheres e educação

1.1 – O mundo das mulheres no entresséculos

Como compreender os escritos de autoria feminina do entresséculos? Antes de adentrar na produção literária, esse trabalho apresenta um recuo. A escolha por apresentar, ainda que minimamente, a condição social das mulheres, irrompe para esboçar os emblemas e as dificuldades em ser uma mulher que escreve. Urbanização, entreguerras, modernidade, feminismo, direitos políticos e literatura norteiam esse tópico.

O período compreendido na pesquisa é emblemático no que se refere à modernidade e aos valores da sociedade burguesa. O início da experimentação de um mundo urbano consolidado foi profundamente impactado pela industrialização a partir do surgimento das fábricas, ferrovias, iluminação. Como consequência das transformações tecnológicas e científicas, os valores burgueses mesclaram-se com os aristocráticos, assim também ocorreu entre a cultura urbana e rural. No início do século XX, essa experiência social foi assentada por uma cultura de guerra e profundo assombro: batalhas, anexação de territórios, corrida armamentista, nacionalismo, supremacia militar, mortes, totalitarismos, extermínio, crise, desolação. Não há como desvincular tal período de tanto sangue. Nesse contexto, cabe-nos inquirir a história: onde estavam as mulheres? O que faziam? Em 1915, no periódico *Estado do Pará*, foi veiculado um artigo sem autoria em que destaca a participação feminina na Primeira Guerra Mundial.

Temos atrocidades a relatar, todas bem verdadeiras.

Num dos nossos hospitaes temos, agora, em tratamento, uma enfermeira da Cruz Vermelha, a quem os allemães cortaram os tendões dos pulsos, para que não pudesse mais tratar dos feridos. Aos nossos cirurgiões e seus ajudantes, os allemães deceparam as mãos. Ha historias horriveis de mulheres francezas que têm soffrido as maiores indignidades e violações, tão horriveis que não as posso relatar, e isto nos demonstra, evidentemente, que todas as atrocidades por elles praticadas obedecem a um plano de campanha para crear o panico e terror nas fileiras dos aliados³.

Atualmente soa um tanto evidente que diversas mulheres participaram desse cenário hostil. Contudo, ainda hoje essa atuação é negligenciada, nosso imaginário sobre o entreguerras é povoado por um horizonte sanguinolento figurado por homens.

³ A Conflagração Européa – Uma carta da Duqueza de Marlborough. – Um decreto do governo francez. – Confronto eloquente. – Uma carta de Anatore France. *Estado do Pará – Propriedade de uma Sociedade Anonyma*. Ano: 1914.

Virginia Woolf, no longo ensaio ficcional intitulado *Três guinéus*, analisa essa época a partir da conexão entre militarismo e masculinismo, entre patriarcado e regimes ditatoriais. A onipotência da violência não fora uma experiência inédita, na família patriarcal as mulheres viviam sob o jugo da dominação, obediência e silêncio incutidos por homens autoritários – sejam eles pais, irmãos e/ou esposos.

A organização social esteve enraizada na opressão exercida por homens, para muitos, quase imperceptível já que a disparidade de tratamento entre os sexos era tida como a “natureza das coisas”. A submissão *versus* a autoridade acompanhou a formação de homens e mulheres; uns incumbidos a estudar, lutar, competir, enquanto outras foram destinadas a acatar e parir. Woolf denota a perspectiva masculina sobre os sentidos da guerra: “Aqui, imediatamente, estão três razões que levam o sexo que o senhor representa a guerrear; a guerra é uma profissão; uma fonte de felicidade e grandes emoções; e é também uma válvula de escape para as características viris, sem as quais os homens se deteriorariam⁴.” Isso se comprova no fracasso do Tratado de paz assinado em Versalhes no ano de 1919, o qual não evitou a continuidade da Grande Guerra. Ademais, a escritora também pontua o distanciamento social entre as mulheres pertencentes à elite em detrimento das operárias.

Não apenas somos incomparavelmente mais fracas do que os homens de nossa própria classe; somos mais fracas do que as mulheres da classe operária. Se as operárias do país dissessem: “Se forem à guerra, nós nos recusaremos a fabricar munições ou ajudas na produção de bens”, a dificuldade de entrar em guerra aumentaria consideravelmente. Mas mesmo que todas as filhas dos homens instruídos deixassem, amanhã, de utilizar seus instrumentos de trabalho, nada de essencial, seja na vida da comunidade, seja no esforço bélico, seria perturbado. Nossa classe é a mais fraca de todas as classes do estado nacional. Não temos nenhuma arma com a qual fazer valer nossa vontade⁵.

Foi na Era da Catástrofe que a mulher se tornou indispensável para o funcionamento das cidades, sobretudo, na Primeira Guerra Mundial, enquanto na Segunda Guerra, o trabalho (para além do doméstico) configurou-se em uma realidade sólida. A remuneração salarial era uma realidade entre as mulheres operárias e as de classe média. O advento da “nova mulher” não foi homogêneo, tem-se um abismo socioeconômico entre elas.

Ao pensar em uma perspectiva macro, alguns fatores nos permitem delinear as transformações causadas pelo trabalho feminino: a) declínio das taxas de natalidade e

⁴ WOOLF, Virginia. *Três Guinéus*. Organização, tradução e notas: Tomaz Tadeu. Posfácio: Naomi Black. Editora Autêntica – 1ª ed. Belo Horizonte, 2019. p. 14.

⁵ *Ibidem*. p. 19.

mortalidade; b) casamentos tardios; c) aumento de mulheres solteiras; d) proibição do trabalho infantil; e) desejo de um padrão de vida elevado. Em diversos países ocorriam experiências centrais para a construção de uma sociedade mais afeita às demandas das mulheres. Exemplo disso foi o oito de março em São Petersburgo: florescimento de uma consciência coletiva feminina.

O número expressivo de mulheres, organizado pela Liga da Igualdade de Direitos das Mulheres, culminou no histórico 8 de março de 1917 (tão deturpado na atualidade) marcado pela greve geral de operárias têxteis contra a fome e o czarismo que não havia incorporado o sufrágio feminino⁶. O engajamento público das russas instrumentalizou a ação política em prol da igualdade de direitos entre homens e mulheres, a qual reverberou em várias nações. Na recém República brasileira não foi diferente.

No Brasil, as últimas décadas do século XIX foram marcadas por transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. Lei de Terras, Guerra do Paraguai, abolição da escravidão, migração europeia, Proclamação da República, *belle époque*, difusão da imprensa, teatros, livrarias exemplificam o fervor da modernidade e a influência do Ocidente. A partir de tantas rupturas, fazia-se necessário dar um novo sentido ao Brasil finalmente republicano. A Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891 denota essa transição. Tal documento é norteador da política a ser implementada e da sociabilidade ansiada; é um preceito basilar para compreender as discussões, representações e os direitos políticos das mulheres⁷. Apesar da novidade política, a condição social da mulher se perpetuou impregnada do imaginário de outrora: invisibilizada e sem direitos.

⁶ O prenúncio desse Dia da Mulher havia ocorrido quatro anos antes, em 1913, quando foi realizado o I Dia Internacional das Trabalhadoras pelo Sufrágio Feminino. Na ocasião, as trabalhadoras russas se reuniram em Petrogrado e foram reprimidas. Outro marco para a determinação do 8 de março como Dia Internacional das Mulheres foi em 1921, na Conferência Internacional das Mulheres Comunistas. No evento, remetendo a tal iniciativa das trabalhadoras russas, a data foi proposta como oficial. A partir de 1922, o Dia Internacional da Mulher passa a acontecer em 8 de março. SCHNEIDER, Graziela. *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia Soviética*. São Paulo: Boitempo editorial, 2017. p. 21.

⁷ Quanto aos direitos políticos, a Constituição inclui a liberdade de associação e reunião e o direito de voto. No caso do direito de voto, considerado o mais importante dos direitos políticos, retira-se a exigência de propriedade, mas mantém-se a exclusão dos analfabetos. Também as mulheres estão ausentes, pois, ainda prevalece a representação de que a mulher pertence ao domínio do privado, presa às atividades de reprodução da espécie, sendo, portanto, inapta para a política – atividade que se processa nos domínios do espaço público. TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. Constituição de 1891: as limitações da cidadania na República Velha. In: *Revista da FARN*, Natal, v.3, n.1/2, p. 175 - 189, jul. 2003/jun. 2004. p. 184.

Para os homens ricos, especialmente os cafeicultores, o estabelecimento do federalismo consolidou a soberania dos estados e trouxe ganhos financeiros. A economia cafeeira, pautada no latifúndio e no modelo agroexportador, foi marcada pelo advento da abolição da escravidão negra, bem como pela entrada de imigrantes. A estrutura hierárquica patriarcal não acompanhou tantas mudanças e reivindicações. Do ponto de vista urbano, o sucesso do café no mercado internacional possibilitou o avanço da modernização das cidades que nasciam profundamente excludentes⁸. De fato, a história comprova que a construção de uma nova mentalidade se dá de modo lento. No entanto, o advento da modernidade e o processo de urbanização implicou na maior circulação de pessoas e ideias. Há uma ampliação da classe trabalhadora e, com ela, o desejo de melhores condições de trabalho e a garantia de direitos mínimos.

No Rio de Janeiro surgem partidos operários. Em São Paulo o anarquismo ganha destaque. Logo viu-se uma onda de greves a fim de regulamentar as relações trabalhistas e a sindicalização operária⁹. Segundo Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, nesse momento se generalizou um sentimento de decepção em relação à República, e foi também nela que se imaginou um Brasil moderno¹⁰. Na prática, a modernidade escancarou as desigualdades. Apesar da Lei Áurea de 1888, marco da ruptura com o passado colonial, o racismo introjetava-se de modo sorrateiro e convincente.

No mundo do trabalho, as contradições se aprofundaram e demonstraram a inobservância da perspectiva feminina. A maciça inserção da mulher no mercado de trabalho não acompanhou uma discussão sobre políticas de reprodução. Assim, ampliou-se o abismo entre os sexos, as menos abastadas economicamente estavam destinadas à tripla jornada: maternidade, trabalho doméstico e rural; ou maternidade, trabalho doméstico e urbano. A despeito da classe, o que uniu as mulheres foi a luta por emancipação no sentido mais amplo que a palavra pudesse alcançar. Glaucia Fraccaro¹¹ demonstra que tal reivindicação não ficou restrita às mulheres letradas; as ideias feministas foram apoderadas pela classe feminina trabalhadora.

Quando enfocamos no ofício de escritoras do entresséculos, alguns nomes se destacam: Júlia Lopes de Almeida, Guilly Bandeira, Albertina Bertha, Narcisa Amália.

⁸ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2.ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

⁹ FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. Colaboração de Sérgio Fausto – 3. ed. atual e ampl. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 166-170.

¹⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 338.

¹¹ FRACCARO, Glaucia. *Os direitos das mulheres – Feminismo e Trabalho no Brasil (1917 – 1937)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

Mesmo sem investir em uma análise minuciosa das trajetórias individuais, nem tampouco do valor literário das obras, é fato que elas impõem ao seu tempo um incômodo e denotam a necessidade de romper com a hegemonia masculina no meio literário. Em 1859, Maria Firmina dos Reis na apresentação do romance *Úrsula* escancara a opressão inculcada às mulheres e simultaneamente expressa as razões para que seu trabalho venha a ser descredibilizado:

Sei que pouco vale este romance porque, escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem, que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo¹².

A premissa social distanciava mulheres, sobretudo negras, a vislumbrar uma educação. Apesar disso, Maria Firmina via no ensino para a mulher um convite à esperança. Sua práxis reafirma sua luta pela educação e escrita; centrada na docência, atuou como professora e fundou uma escola para ambos os sexos. O resgate de autoras como esta é recente e desvela as dificuldades inerente ao sexo, classe e raça para a inserção na literatura. Assim, adentrar nas especificidades de sua narrativa é fundamental para entendermos como tal produção literária dialoga com o contexto sócio-histórico.

Do ponto de vista intelectual, não há como pensar a década de 20 sem lembrar da Semana de Arte Moderna a qual teve como cerne o empenho por uma renovação cultural fundamentada na experiência brasileira. Repensar a função da arte, reelaborar a linguagem, romper com o passado colonial e valorizar a cultura nacional encaminharam a ânsia do movimento de vanguarda. Para além dos nomes femininos mais conhecidos e estudados no modernismo, destaco a artista paraense Julieta de França.

Em 1897 Julieta mudou-se de Belém para até então capital federal, Rio de Janeiro, cinco anos após a Escola Nacional de Belas Artes possibilitar a matrícula de mulheres. Logo depois, a artista ingressou na instituição e teve uma trajetória acadêmica admirada e elogiada na imprensa. Por ser de uma família de renome, a repercussão da artista na imprensa paraense fora frequente: “Julieta França, é filha do afamado professor França, muito conhecido n’este Estado; é uma das mais notáveis alumnas da academia de Bellas Artes, do Rio de Janeiro, distinguindo-se como uma verdadeira

¹² REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. Porto Alegre: Editora Figura de Linguagem, 2018. p. 3

organização artística¹³". Em 1899, no jornal *Pará*, uma nota não assinada destacava os méritos da "distinta alumna" nos seguintes termos:

Em nome da distinta alumna respondeu o sr. Barão Homem de Mello, professor d'aquella eschola, de cujo brilhante discurso, que tem o cunho de um valioso testemunho dos meritos dessa artista, damos em synthese alguns topicos: Attestando os progressos e aproveitamento que nos differentes cursos da Eschola obtivera dona Julieta França, que agora terminara ali o seu tirocinio com as mais brilhantes notas, accentuou no discuso do orador do Gremio [...] ¹⁴

Em 1900, tornou-se a primeira mulher artista brasileira a conquistar o prêmio de viagem ao exterior concedido pela instituição – antes de Julieta, apenas Abigail Andrade havia conquistado tal feito. Residiu cinco anos em Paris, contudo, ao retornar a artista não encontrou um espaço tão receptivo a sua arte. Ao participar do concurso para selecionar o monumento comemorativo à República brasileira, seu trabalho foi reprovado. Julieta não aceitou tal veredito; voltou a Paris e colheu o parecer de Auguste Rodin e outros artistas renomados. Não foi suficiente. Seu ímpeto por reconhecimento importunou a esperada norma social idealizada para mulheres: indefensabilidade, passividade, silenciamento. Tal atitude teve como ressonância o alijamento de Julieta do meio artístico e, a partir de então, começou a elaborar um álbum autobiográfico intitulado *Souvenir de ma carrière artistique*. Para Ana Paula Simioni, a busca por reconhecimento profissional diante de um sistema que procurou excluí-la representa a motivação constitutiva deste álbum¹⁵.

Nomear mulheres que obtiveram certo destaque não tem como intento deixar as mulheres comuns à margem. Pelo contrário, evocar tais exemplos elucidam que até mesmo as protagonistas de seu tempo foram ofuscadas em seus ofícios em detrimento da atuação masculina. Ao focar na história literária brasileira, também é nítido o protagonismo da região Sudeste, contudo, a região amazônica também integrou e se expressou no meio literário. Geraldo Coelho aponta ser a *belle époque* paraense um estado de construção do sujeito histórico que se realizaria universalmente graças às conquistas da ciência, à força dos maquinismos e aos processos civilizacionais mundializados¹⁶.

¹³ *O Pará*. Ano: 1898.

¹⁴ *O Pará*. Ano: 1899.

¹⁵ SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Souvenir de ma carrière artistique. Uma autobiografia de Julieta de França, escultora acadêmica brasileira*. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v. 15. n.1. p. 249-278. jan-jun. 2007.

¹⁶ Segmentos da sociedade local vestiam-se, divertiam-se e comportavam-se à francesa. Desse ponto de vista, portanto, não há como negar que Belém e a Amazônia como um todo conheceram a sua *belle époque*, entendida, é claro, como manifestação e representação de padrões da cultura burguesa que se

A Belém oitocentista desfrutou um expressivo sucesso financeiro graças à importância que a borracha obteve no cenário internacional. As mudanças urbanísticas a partir de prédios opulentos, teatro, cinema, abriram um leque de possibilidades para os homens, enquanto para as mulheres ergueram uma paisagem distante de suas realidades. Esse processo complexo também representou as contradições vivenciadas: de um lado, o êxito do progresso, em contrapartida, o usufruto da cidade que se remodelou ficou restrito a uma pequena elite. A Biblioteca Pública do Pará foi um dos exemplos arquitetônicos da modernidade e representou um marco na construção da intelectualidade paraense.

O acervo possuía coleções completas das obras de Voltaire, Montesquieu, Lamartine, Condillac, Shakespeare, Raynal, Bossuet, entre outros. Contudo, desde sua fundação a biblioteca passou por sucessivas transferências que demonstram o desinteresse do governo provincial que, segundo Arthur Vianna, olhou-a mais como um contrapeso obrigatório dos orçamentos do que como uma instituição de utilidade pública¹⁷. Foi a partir do governo de Lauro Sodré que esta passa ser reorganizada, catalogada e valorizada. A foto abaixo é de quando o Arquivo Público passou a ser anexado à Biblioteca com a finalidade de economizar as despesas dos cofres públicos e facilitar a consulta rápida e pública¹⁸.

mundializava, numa nova etapa, a partir dos anos de 1850. COELHO, Geraldo. *Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910)*. In: *Escritos*, Ano 5, nº 5, 2011. p. 148.

¹⁷ VIANA, Arthur. A Biblioteca e Arquivo Público [do Pará] – resumo histórico. Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará (1902). In: *R. Bibliotecon*. Brasília 3 (1) jan./jun., 1975. [Vista do A Biblioteca e Arquivo Público \[do Pará\] \(unb.br\)](#) p. 93.

¹⁸ *Ibidem*.



Figura 02: Álbum do Pará em 1899.

Fonte: PARÁ, Governador. 1897 – 1901: J. P. de Carvalho.

A preocupação em ordenar um espaço intelectual também denota a preocupação em resguardar a memória de um Estado, afinal, a memória mobiliza a identidade de uma nação. Assim, a fundação da biblioteca esteve associada à instrução, ilustração, civilização e, paulatinamente, demarcou o que deveria ser lembrado – e esquecido – pela população paraense. O historiador Pierre Nora discute sobre a memória e a função dos lugares da memória:

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar no tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações¹⁹.

Assim, ao pensarmos na biblioteca como um lugar de memória, cabe-nos conjecturar acerca da presença de mulheres nesse espaço: qual o perfil econômico? Qual a motivação? Quais interesses? O que a biblioteca representava? Ao confrontar com fontes primárias e o contexto histórico do período, tais questionamentos encaminham

¹⁹ NORA, Pierre. *Entre memória e história – a problemática dos lugares*. Proj. História, São Paulo, (10), dez. 1993. Tradução: Yara Aun Khoury. p. 22.

para o entendimento de um passado não afeito às mulheres, sobretudo de baixa renda, em instituições intelectuais.

Catherine Hall aponta que nas instituições literárias, filosóficas ou nas sociedades artísticas, as mulheres eram excluídas desde a ter algum envolvimento na organização, até ter algum tipo de convívio no tocante à interação com outros membros da esfera masculina²⁰. Mesmo em finais do século XIX, o ideal de pureza feminina e o asceticismo eram paradigmas para o comportamento das mulheres. Ou seja, o pudor obsessivo foi a tônica da norma feminina refletida nas roupas, educação, linguagem²¹.

Na imprensa paraense as discussões sobre o futuro da modernidade foram crescentes, ganhavam espaço textos questionadores acerca do modelo homogêneo de experienciar a vida. Notícias e discussões sobre o feminismo incomodaram e alertaram para a autonomia da mulher, foram crescentes os artigos questionadores acerca da naturalização da posição de inferioridade da mulher. O texto abaixo, publicado na *Revista Familiar*, diverge da ideia de uma natureza genuinamente feminina e pontua a capacidade da mulher em exercer qualquer ofício.

As grandes revoluções que se agitam e suscitam-se para o aperfeiçoamento da sociedade não chegarão jamais a um resultado feliz enquanto os homens não compreenderem que o principio de onde emana todo o bem, a base fundamental e vital do progresso, está na emancipação da mulher. [...] A mulher possui como o homem todos os elementos; dotada da mesma intelligencia, possuindo um espirito mais fino e delicado, póde sem duvida desenvolver todos estes dotes com tanta vantagem ou mais que o homem, e isto em qualquer carreira a que se dedicar. Que não me objectem ser a mulher inconstante, voluvel, frágil; são qualidades estas que a maior parte dos homens possui tambem, e não os impede de ser grandes e mostrar superioridade sobre outros que se julgam fortes e robustos. [...] E' de urgente necessidade possuirmos uma eschola média do sexo feminino, onde ensine-se todos os preparatorios e noções geraes das sciencias naturaes²².

Nesta citação, a qual não possui assinatura, a novidade encontra-se no esforço da mulher em galgar uma vida pública por meio do trabalho; sair da posição de “filha de alguém”, “esposa de alguém”, “mãe de alguém”. Se as inovações científicas foram celebradas, tal espírito não vingou na sociedade ao assistir mulheres grandiloquentes, essa mudança de perspectiva trouxe muitos incômodos sociais. Por outro lado, muitas vezes as lacunas se mantêm de modo despercebido, afinal, nesse período há nomes

²⁰ HALL, Catherine. Sweet home. In: PERROT, Michelle (organização). *História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução: Denise Bottmann, Bernardo Joffily – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 62.

²¹ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

²² O direito da mulher. *Revista Familiar*. Ano: 1883. p. 26-27.

consolidados no movimento literário amazônico: Humberto de Campos, Theodoro Rodrigues, José Eustachio de Azevedo e Paulino de Brito, para citar alguns²³.

A pesquisa não desconsidera tamanha contribuição, no entanto, é tempo de revisitar os impressos e investigar o lugar da mulher nessa rede intelectual e de poder. É urgente repensar a historicidade dos escritos e desnaturalizar a escrita masculina hegemônica. A incumbência de adentrar no mundo das mulheres tem como percurso necessário o entendimento da educação. Afinal, o ensino formal possibilitou a leitura, escrita, capacidade imaginativa. Virginia Woolf declara que até a educação pode se revelar ambígua: é boa para quem? Qual crença incitará? A qual sexo irá servir²⁴? Investigar o percurso educacional das mulheres é fundamental para a compreensão dos escritos de autoria feminina divulgados na imprensa paraense. É o que iremos explorar no próximo item.

1.2 – As mulheres devem estudar

A ideia de adentrar – ainda que minimamente – no panorama educacional busca salientar o entendimento da mulher enquanto intelectual e escritora. A articulação entre o arcabouço educacional e a escrita tem como intento esclarecer os desafios diversos de ser uma mulher que escreve. Essa dificuldade se expressa há séculos, basta adentrar nos arquivos e na bibliografia pretérita.

Contudo, elegendos, sobretudo, Mary Wollstonecraft, Olympe de Gouges, Nísia Floresta e Lélia Gonzalez para iluminar a discussão sobre as pautas e as demandas que envolvem a condição social, econômica e cultural feminina. Em finais do século XVIII, a escritora e filósofa Mary Wollstonecraft publicou *Reivindicação dos direitos da mulher*. Tal obra foi emblemática tanto no contexto internacional quanto nacional, pois, décadas após sua publicação, em 1832, Nísia Floresta realizou uma adaptação do texto ao contexto brasileiro.

O livro de Wollstonecraft manifesta a indignação perante o mundo intelectual iluminista, o qual ignorava as mulheres como cidadãs. “Quem fez do homem o juiz exclusivo, se a mulher compartilha com ele o dom da razão?”, interroga a escritora²⁵.

²³ Para ler mais sobre o modernismo amazônico: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908 – 1929*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.

²⁴ WOOLF, Virginia. *Três Guinéus*. Organização, tradução e notas: Tomaz Tadeu. Posfácio: Naomi Black. Editora Autêntica – 1ª ed. 2019. p. 35.

²⁵ WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Tradução: Ivania Pocinho Motta. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016. p. 21.

Seu escrito desvela a condição feminina à época: enclausurada na vida doméstica e aniquilada de uma trajetória educacional. Assim, as mulheres tinham como horizonte a subordinação ao casamento, desde cedo foram ensinadas a naturalizar seu lugar no mundo: seres quase destituídos de ambição.

Wollstonecraft advogava em defesa de uma educação pública e pela ampliação dos direitos em prol da independência social, intelectual e econômica. Lançou duras críticas ao pensamento de Jean-Jacques Rousseau²⁶, por difundir a ideia de uma hierarquia racional entre os sexos. A filósofa em seus escritos clamava pelo cultivo da razão em prol de uma vida digna e uma política comprometida em difundir a liberdade. Evocava a construção de uma sociedade com iguais condições intelectuais e o fim da tirania do homem sobre a mulher.

A escritora mostra o quanto o desejo de fazer crer serem as mulheres destituídas de virtude influenciou diretamente na perpetuação de muitos preconceitos. Os homens chegaram a tais conclusões a partir de quais métodos? O quão racional é tal afirmação? Wollstonecraft aponta que tais ideias foram erguidas por meio de uma argumentação falaciosa e, ao longo do texto, demonstra a dificuldade em desmoronar costumes enraizados na sociedade.

Desde a infância diz-se às mulheres, e elas aprendem pelo exemplo das mães, que um pouco de conhecimento da fraqueza humana, uma espécie de astúcia, um temperamento suave, uma obediência exterior e uma atenção escrupulosa a um conceito pueril de decoro farão com que elas obtenham a proteção do homem; e, se forem belas, todo o resto é desnecessário por, pelo menos, vinte anos de sua vida²⁷.

A instrução feminina fora delineada por parâmetros de fraqueza, ou seja, uma educação pautada na sujeição em prol de uma índole julgada como “adequada” para o convívio com homens. *O sono da razão produz monstros*, obra-prima de Goya e ambientado no movimento iluminista, elucida que uma mente adormecida despreza a observação, o entendimento e o funcionamento do mundo. Na pintura, a razão representa a consolidação da verdade capaz de destruir crenças pautadas em meras opiniões. Logo, ao buscar a instrução o indivíduo tem como intento desterrar a

²⁶ No decorrer do livro, Mary Wollstonecraft critica de forma contundente esse filósofo: “Rousseau declara que uma mulher não deveria, nem por um momento, sentir-se independente, que ela deveria ser governada pelo temor de exercitar sua astúcia *natural* e feita uma escrava coquete, a fim de tornar-se um objeto de desejo mais sedutor, uma companhia *mais doce* para o homem, quando este quiser relaxar. Ele leva ainda mais longe o argumento que alega extrair dos indícios da natureza e insinua que verdade e força moral, pedras angulares de toda vida humana, deveriam ser cultivadas com certas restrições, porque, no que diz respeito ao caráter feminino, a obediência é a grande lição a ser inculcada com extremo rigor. Que bobagem!” *Ibidem*. p. 46 e 47.

²⁷ *Ibidem*. p. 39.

ignorância a fim de não se prender a associações viciosas e superstições, isto é, tornar-se livre.

Na França do século XVIII, Olympe de Gouges também contestou a subordinação da mulher ao homem. Gouges concebia a universalidade de direitos e a educação como prerrogativas para uma sociedade mais justa e acolhedora. A educação das mulheres na França era exclusiva da esfera privada, de responsabilidade da família. Wollstonecraft e Gouges eram contemporâneas da Ilustração, acompanharam de perto muitos escritos sobre a racionalidade humana, a defesa por um Estado laico e a luta por uma constituição em defesa dos direitos naturais do indivíduo: vida, liberdade e propriedade.

No Brasil, o iluminismo foi associado a duas revoltas separatistas: Inconfidência Mineira e Conjuração Baiana. A primeira tem no cerne do movimento homens letrados, recém-chegados da Universidade de Coimbra que ansiavam por liberdade política, econômica e, em especial, pela emancipação do Império. A segunda revolta aglutinou as classes populares, sobretudo, escravizados e alforriados em busca da abolição e da separação do estado português. Assim, a condição de opressão das mulheres não esteve no bojo dessas revoltas. Em contrapartida, décadas depois Dionísia Pinto Lisboa, também conhecida como Nísia Floresta, discorreu sobre o lugar da mulher no século XIX.

Em 1832, Nísia Floresta publicou uma adaptação livre da obra acima citada de Mary Woollstonecraft intitulada *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. Segundo Raquel Araújo, Nísia realiza a adaptação a fim de adentrar nas singularidades culturais do Brasil, tendo em vista a discrepância com o cenário europeu, de onde fala Woollstonecraft²⁸. A partir da adaptação, a escritora brasileira evoca a luta por um projeto emancipacionista, sobretudo, educacional. Acesso à leitura, educação formal, desenvolvimento intelectual, que mesmo entre as mulheres de famílias ricas era desigual quando comparamos à realidade dos homens abastados. O abismo entre os sexos estava relacionado ao que se esperava de uma esposa, logo, seu conhecimento devia ser útil e restrito ao ambiente privado, ao lar.

Não devemos esquecer que as escravizadas e mesmo as recém-libertas, sempre trabalharam, tanto no meio doméstico quanto rural, e foram ceifadas de qualquer

²⁸ ARAÚJO, R. M. B. C. Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas. In: *Revista Água Viva*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2011. DOI: 10.26512/aguaviva.v1i1.10765. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/10765>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

possibilidade de educação. No Brasil recém republicano, essas mulheres foram alijadas da ambiência intelectual, conseqüentemente, por muitos anos suas atividades mais recorrentes foram como lavadeiras, cozinheiras, costureiras, faxineiras, babás.

O Brasil republicano pulverizou a presença negra de espaços de poder, contudo, no caso da mulher negra esse alijamento veio acompanhado do sexismo. Segundo Lélia Gonzalez, o estereótipo do corpo feminino negro foi associado à atividade doméstica. A lógica do cuidado é inerente à mulher, a lógica da subalternidade é inerente à mulher negra. No campo sexual, o sexismo também opera de modo sorrateiro; a mulher negra é desejada, mas isso não abre precedentes para um envolvimento afetivo. Para Heleieth Saffioti, esse tratamento remonta à herança colonial e denota a dificuldade em romper e redefinir o papel social e racial de cada sexo.

Há que se buscar nos produtos dos papéis sociais dos escravos de ambos os sexos, como objetivações materiais que são destes papéis, a participação diferencial que uns e outros, inconscientemente, tiveram no solapamento da sociedade de castas. Na medida em que a exploração econômica da escrava, consideravelmente a mais elevada que a do escravo, por ser a negra utilizada como trabalhadora, como mulher e como reprodutora da força de trabalho, se fazia também através de seu sexo, a mulher escrava se constituía do instrumento inconsciente que, paulatinamente, minava a ordem estabelecida, quer na dimensão econômica, quer na sua dimensão familiar²⁹.

A construção de um Brasil moderno e urbano também foi marcado por uma mentalidade que almejava a educação e a instrução, afinal, conhecimento significava requinte e poder. Mas para quem? No século XIX, o acesso da mulher à escolarização possui um marco legal fundamental para a compreensão da intersecção entre mulheres e educação: a Lei Geral de Ensino de 1827. Enfocamos em quatro artigos, pois denotam as disparidades do ensino formal entre meninos e meninas, contudo, na mesma legislação, tem-se a instituição da igualdade salarial entre Mestras e Mestres.

Art. 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as noções mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral chritã e da doutrina da religião catholica e apostólica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brazil.

Art. 11º Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento.

Art. 12º As mestras, além do declarado do art 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrução da arithmetica só as quatro operações, ensinarão tambem as prensas que servem á economia domestica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo

²⁹ SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 165.

brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fôrma do art. 7º.
Art. 13º As mestras vencerão os mesmos ordenados e gratificações concedidas aos Mestres³⁰.

No sexto artigo tem-se a ênfase da religião católica no exercício da docência. Além de salientar que tal ensino destina-se aos meninos, pois a construção de escolas para meninas, como exposto no décimo primeiro artigo, cabe ao julgamento dos Presidentes em Conselho. O décimo segundo artigo denota a distinção do currículo entre meninos e meninas; para elas, é suprimido o ensino das noções de geometria em favor da economia doméstica. Assim, o acesso ao saber fora delimitado e pensado para reiterar seu papel de esposa, mãe, dona de casa.

A instrução feminina foi tida como um aparato para o refinamento cultural e para a educação da prole. Desde a mais tenra idade, o ato da leitura e da escrita estavam sob orientação da mãe; seja na supervisão dos tutores que frequentavam as residências mais abastadas ou no ensino de tais conhecimentos e habilidades. Outro fator primordial para compreensão dos rumos educacionais do entresséculos está na influência da igreja católica. Mesmo com o fim do padroado – separação entre igreja e Estado – a educação foi cunhada pela moral conservadora e o catolicismo.

A propagação da fé nas escolas foi um dos mecanismos da igreja para frear a expansão do protestantismo e assentar os preceitos católicos perpetuados desde a colonização. Decorrente de uma educação religiosa, a segregação entre os sexos se consolidou no ensino, dessa separação sucederam muitas distinções entre os currículos. Ao pensar mais detidamente na instrução de mulheres ricas, sobretudo a partir dos manuais escolares, é nítida a diferenciação da educação entre meninos e meninas. Para as últimas, a admissão escolar esteve a serviço do casamento e da família enquanto instituição central para o funcionamento da sociedade burguesa. Enquanto para os homens de elite, a educação esteve vinculada à construção de uma carreira intelectual.

Sob a perspectiva do Estado, a contribuição das mulheres no Brasil recém republicano foi delineada por uma moral cívica a fim de incutir o sentimento de pertencimento à jovem nação, ou melhor, disseminar o nacionalismo. Grosso modo, o nacionalismo alavancou no século XIX: delimitação territorial, história, criação de símbolos nacionais, língua e heroicização de algumas personalidades (a exemplo de Tiradentes) compõem o mote para forjar uma identificação consonante entre a

³⁰ Lei de 15 de outubro de 1827. Ver em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM.-15-10-1827.htm>. Acesso em: 10 jun. 2023.

população. Na literatura, o romantismo reverberou um ideal nacional a partir da idealização do passado colonial bem como dos povos indígenas.

Assim, leitura, escrita, civismo e educação da prole nortearam a educação das mulheres, fruto da anuência entre Igreja, Estado e sociedade³¹. Do ponto de vista do ambiente privado, doméstico, ter um certo nível cultural, aprazia o marido a ideia de uma esposa mais culta, ainda que a ideia de submissão fosse preponderante na relação matrimonial.

O excerto abaixo foi retirado do jornal República e não possui assinatura. O redator afirma que seu ilustre amigo apresentou algumas ideias do Oriente, propostas pela chinesa Pan Hoi-Pan, sobre a educação da mulher. Apesar de não encontrarmos quase nada sobre a biografia da autora (apenas duas citações pequenas), consideramos relevante trazer uma perspectiva geográfica incomum acerca da educação das mulheres.

No quarto capítulo do “Tratado de educação das mulheres”, a escritora denota as contradições inerentes às reflexões sobre a instrução feminina. Os debates sobre a educação, mesmo em territórios longínquos, foram recorrentes na imprensa paraense e, de modo geral, associavam o desenvolvimento da intelectualidade à regeneração da família; como se a aquisição do conhecimento por uma mulher fosse incompatível com o casamento.

<<As qualidades que fazem a mulher amavel reduzem-se a quatro: virtude, palavras, figura e acções. A virtude deve ser perfeita e constante: a mulher precisa ser docil e sempre honesta; deve medir as palavras e uzas dellas a proposito.

<<Si tem instrucção não ostente de erudita; a mulher jamais agrada quando cita com frequencia os poetas e os philosophos; mas gosa estimação sabendo esconder os conhecimentos pelo uso de propositos ordinarios.

Quando fallar das sciencias e das letras seja concisa, mesmo para os que desejam ouvil-a³².

Ao final do artigo é nítida a concordância do articulista com as ideias de Pan-Hoi-Pan, o redator se dirige diretamente às leitoras do jornal: “como vê a formosa

³¹ “A aliança construída entre a Igreja Católica e a oligarquia paraense, representada pela burguesia do comércio da borracha, estabeleceu condições favoráveis para a criação de instituições femininas através da fundação de asilos, colégios e institutos para mulheres e a administração da educação por congregações religiosas vindas da Europa. Por meio de uma educação conservadora, as congregações religiosas beneficiavam-se de certa maneira dos interesses da elite local em ter uma população feminina preparada.” CUNHA SILVA, T. H., & SILVA ARAÚJO ALVES, L. M. (2020). Entre lar e Igreja: A Educação de mulheres e as Congregações religiosas na Amazônia Paraense (1900-1927). *Revista Diálogo Educacional*, 20(67). <https://doi.org/10.7213/1981-416X.20.067.DS06> p. 1619-1620.

³² Juízo sobre a educação da mulher. *A Republica*. Ano: 1900.

leitora estes conselhos são velharias, emanadas de um cerebro de chineza da idade media; mas, ainda assim, pertencem á classe d'aquellas verdades eternas³³(...)”

Josephina Azevedo foi jornalista, escritora e atuou, sobretudo, na imprensa carioca em defesa dos direitos das mulheres. Direito à educação e ao voto foram os temas centrais de seus escritos em prol de uma cidadania digna às mulheres³⁴. O periódico *A Voz do Caixeiro* reverberou as ideias de Josephina. Em um longo artigo intitulado “A família e o catolicismo”, a escritora é crítica à vivência profundamente religiosa na educação. Josephina fora afeita às ideias iluministas, e no impresso enfatizou um posicionamento questionador dos dogmas e costumes vigentes. O excerto abaixo denota a discordância da autora em torno do “mysticismo religioso” comumente exercido por mulheres.

[...] Creio bem que melhor faço aconselhando a todas as senhoras que procurem ser mais uteis a si e a sociedade, do que á cleresia, aos preceitos da religiosidade banal e ao fanatismo pernicioso da beatitude esteril. Preferirei sempre dizer a qualquer moça que fuja das confissões da igreja, a ouvir-lhe as idéas nascidas da intriga dos confissionarios. [...] Deixae primeiro o confissionario e os padres, esses dois inimigos do livre pensamento e da civilisação. [...] Educar a mulher é ensinar-lhe os direitos e os deveres; apostolar o fanatismo é prejudicar toda educação. Mal andaria, se me propusesse a escrever uma revista propria de seminario ou de convento, porque isso não seria advogar a nossa causa, que é o direito que julgamos ter a um lugar mais elevado do que o tradicionalismo e a religião nos marcaram nas sociedades.

Josephina de Azevedo³⁵.

Contrariamente às ideias de Josephina, a realidade educacional no entresséculos não se deu em prol da emancipação e da autonomia intelectual – ao menos para mulheres. A educação esteve mais atrelada ao aperfeiçoamento moral e boas maneiras do que com o desenvolvimento crítico. Assim, as professoras tornaram-se moderadoras do comportamento feminino e revestidas de uma missão: desenvolver a autorregulação de múltiplas subjetividades³⁶. Em contrapartida, pensar as Mestras apenas como mediadoras das expectativas do Estado, da sociedade e Igreja é uma perspectiva pouco crítica tendo em vista o aumento do debate sobre a emancipação feminina, principalmente, na imprensa.

³³ *Ibidem*.

³⁴ CORREA E SILVA, L. O direito ao voto feminino no século XIX brasileiro: a atuação política de Josephina Alvares de Azevedo (1851-1913). *Revista Aedos*, [S. l.], v. 10, n. 23, p. 114–131, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/87365>

³⁵ A família e o catholicismo. *A Voz do Caixeiro: órgão dos empregados do commercio*. Ano: 1890.

³⁶ DEL Priore, Mary (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013. p. 461.

Em 1934 foi fundada uma revista bimestral intitulada *Escola: Revista do Professorado do Pará* a qual era dedicada aos professores do Estado. No artigo “A atividade humana”, a professora Luzia Valente Lobo discorre sobre a importância do trabalho para o desenvolvimento intelectual e espiritual. Contudo, refere-se tão somente ao sexo masculino. Tal menção é emblemática e elucida as ambivalências vivenciadas no início do século XX. Apesar de exercer o magistério, devota aos meninos à reflexão sobre os benefícios individuais e coletivos ao desempenhar uma profissão (justiça, bem-estar financeiro, solidariedade, honestidade, entre outros). Além disso, reforça a moral cristã a qual foi incorporada pelo Estado.

Sim, meninos, o vosso trabalho, por enquanto, está aí: estudando, aprendendo, observando (...) E, como tendes uma alma a ser cultivada e enobrecida é necessário que apureis o vosso espírito nos sublimes ensinamentos de Jesus, Redentor do Mundo cuja doutrina é baseada em princípios ativos da Moral, onde aprendemos a ser justos e verdadeiros, bondosos e virtuosos com espontaneidade³⁷.

Outro documento revelador da educação paraense é o *Album da Festa da Criações 7 de setembro de 1905*, pois denota o esforço empreendido em torno da construção do patriotismo no ambiente escolar. O texto que antecede as fotografias reforça a conotação da celebração: fins pedagógicos. Diversos carros desfilaram pela cidade de Belém em um curto trajeto – menos de 2km – da praça Justo Chermont até a Praça da República. As mensagens propagadas exaltam o triunfo da instrução bem como do nacionalismo: “Nada por mim; por minha patria tudo”; “A Escola é o berço do cidadão”; “Tudo pela minha Patria!”³⁸

A festa idealizada por Augusto Montenegro, governador do Estado, foi exaltada entre seus pares e na imprensa:

O Jornal, de 8 de setembro de 1905:

A Festa Infantil

Aquella formoso conjuncto de qual mil creanças das escólas, guiadas pelos seus mestres, agitando bandeiras e soltando aclamações, a desfilarem, ao som das musicas, no meio dos sumptuosos carros allegoricos por entre a enorme massa de povo que abria alas, fazia lembrar uma d’essas suggestivas paginas imortaes de Edmundo de Amicis, o extraordinario poeta da Infancia, quando elle nos pinta no Coração, que toda a infancia conhece e ama, o exercito immenso dos pequeninos escolares marchando todos, á mesma hora, por cem paizes differentes e aprendendo a mesma coisa por cem maneiras diversas³⁹.

³⁷ A atividade humana. *Escola: Revista do Professorado do Pará*. Ano: 1934.

³⁸ PARÁ. Governador (1901 – 1909: A. Montenegro). *Álbum da festa das creanças: descrições e photographias*, 7 de setembro de 1905. Estado do Pará. Paris: Ailaud [19--]. 57 p. il. p. 7.

³⁹ *Ibidem*. p. 13.

Edmondo de Amicis, citado no excerto destacado, foi um escritor e militar italiano. Seu livro *Coração* (1886) foi redigido no contexto italiano pós unificação e tinha função moralizadora, cívica e patriótica. É visível no estudo da História que a formação legal de um estado-nação não acompanha a construção da cidadania e o sentimento de pertencimento. A educação, portanto, torna-se um dos pilares do esforço em criar um senso de coletividade. Assim, o livro de Amicis foi bem recebido no Brasil e serviu de inspiração⁴⁰ para o paraense Hygino Amanajás; educador, contista, político e autor de livros escolares destinados ao Ensino Primário.

Além do nacionalismo, o debate sobre regionalismo também esteve presente no ensino. No periódico *O Pará* foi publicado um artigo em discordância com os rumos educacionais, o incômodo concentra-se na desordem dos livros escolares. No contexto republicano, o articulista defende a utilização de obras escritas por paraenses em detrimento de obras de outras regiões, sobretudo, do sul do país. Tal fato é um indício do federalismo implantado e da ansiada autonomia dos estados. Ao longo do texto, convoca professoras e professores no compromisso de fortalecer e implementar uma educação assinada pelo intelecto do Estado do Pará.

[...] E' tempo de exportamos e não de importarmos.

Não amesquinemos o nosso valor, o nosso patriotismo, o nosso amor á causa da instrucção popular e, sobretudo, o que já temos feito em prol de nossa terra.

E quando, porventura, algum audacioso quizer reduzir-nos ao papel de autômatos, que appareçam-lhe ao encontro esses distinctos membros do ensino publico, entre os quaes salientam-se B. Pinto Marques, Alves da Cunha, Vilhena Alves, Ramos Espindola [...] e muitos outros que em todo o Estado são por nós conhecidos; que protestem, enfim, contra essa injustiça as distinctas professoras Guajarina de Lemos, Maria Valmont, Mariana M. Vianna, Emilia Guimarães, Barbara Leal, Pistacchini Costa, Sirena Valente, Maxima Raiol, Minervina Alvares, Lavareda de Faria e muitas outras. Epaminondas⁴¹

Carlota Pistacchini Costa, listada acima, fundou e dirigiu o Collegio Perseverança, o qual era voltado para a educação de mulheres. Em 1904 redigiu o estatuto da instituição e assentou as orientações educacionais. Na “parte escolastica”

⁴⁰ “A primeira obra foi publicada em 1898, no prefácio desse livro, o autor fez referência ao livro *Coração*, para indicar uma lacuna no que diz respeito à inexistência de livros escolares direcionados à formação de crianças, enquanto futuros cidadãos republicanos. “Nenhum livro temos neste genero: o *Coração* de Amicis, que se usa nas escolas, é um bellissimo livro; mas escripto para italianos e talvez em linguagem um pouco elevada para quem começa aprender” (AMANAJÁS, 1898, Prefácio, Ao Leitor). Esse comentário evidencia a utilização do livro *Coração* em escolas paraenses e sinaliza uma intimidade entre o autor Hygino Amanajás e essa obra.” CAMPELO, Kátia Gardênia Henrique da Rocha. *Caleidoscopios de leitura [manuscrito]: análise comparativa dos livros Cuore/Coração, Corazón e Alma e Coração*. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. UFMG/FaE, 2013. p. 169.

⁴¹ Livros escolares. *O Pará*. Ano: 1899.

atenta para a ampliação do currículo ao aderir o ensino da língua francesa e ensino de desenho a crayon, desenho a pastel e aquarela. Na “parte artística” o destaque é para as aulas de bordado, costura e música. Para a diretora, o ensino artístico “satisfará as excellentísimas famílias pelo ensino esmerado de suas filhas”. Na “parte econômica” há uma distinção de preços entre as alunas internas, semi-internas e externas. Também há recomendação de um enxoval, regras para saídas e visitas. Porém, o que mais chama atenção encontra-se logo nas páginas iniciais do estatuto, ou melhor, nas “notas preliminares”.

Notas preliminares

Acompanhando o progresso e o desenvolvimento que tem tido a instrução publica em o nosso Estado, de accôrdo com os melhores methodos pedagógicos e ainda com as licções praticas de 14 annos de experiencia, o Collegio Perseverança reabre suas aulas, recebendo alumnas internas, semi-internas e externas, ás quaes ministrará instrução e educação com desvelo, carinho e meticoloso cuidado.

A instrução, sem se afastar dos programas officiaes, será dada de accordo com as clausulas adiante explanadas.

A educação moral e a physica serão reguladas pela directora que terá sempre em vista as licções e ensinamentos dos bons mestres, no tocante á formação de boas e exemplares mães de familia⁴².

Apesar de apresentar uma educação avantajada culturalmente, o enfoque concentra-se no matrimônio e na maternidade. Nessa educação, a mulher esteve alheia de si, suas potencialidades foram esmagadas em nome da família burguesa. A finalidade de tantos ensinamentos não teve como cerne a mulher e, sim, como ela poderia contribuir para a educação de sua futura prole. Afinal, a função da escola possuía distinções; os meninos deveriam receber conhecimento a ser aplicado em sua carreira, no trabalho. Enquanto as meninas eram preparadas a assumir o lar, a gerir uma família. O currículo não comportava tão somente o ensino manual, o aprendizado da língua materna e estrangeira, matemática, música, por exemplo, incrementava o conhecimento. Nem ignorante, nem pedante: a educação deveria extirpar os excessos. E, claro, ceifar o desejo de uma vida pública.

Ormind Bastos fez parte do diminuto círculo de mulheres instruídas. Foi uma aluna de destaque no “Collegio Progresso Paraense” em português, álgebra, francês e aritmética⁴³. Ainda no ginásio normalista tornou-se examinadora da “Escola Espirita Mont’Alverne” a qual era destinada aos operários e mantida por espíritas. Logo em seguida, tornou-se bacharel em *sciencias e letras* no “Colégio Paes de Carvalho”, na

⁴² COSTA, Carlota Pistacchini M. *Estatuto do Collegio Perseverança*. Paris: Typographia Aillaud, 1904.

⁴³ Collegio Progresso Paraense. *Estado do Pará: Propriedade de uma Associação Anonyma*. Ano: 1913.

sua formatura recebeu o prêmio Lauro Sodré⁴⁴. Depois ingressou no curso de Direito, formou-se, fez parte da “Academia Estudantina de Letras” e anos mais tarde passou a lecionar história do Brasil e história universal. Sua trajetória esteve longe da maioria não somente por tanto êxito escolar, acadêmico e profissional como pela defesa do sufrágio feminino.

Outra figura emblemática foi Anna Sereni que atuou como diretora do colégio “Inojosa Varejão”⁴⁵ – ao que indica o artigo, uma escola para meninos. No ambiente cultural, organizou um festival de cinema em Belém. No meio social, colaborou no Instituto de Assistência à Infância a fim de proteger “creanças desvalidas, tornando-as uteis a si, á sociedade e á patria⁴⁶.” Também pertencia à Liga Feminina Lauro Sodré⁴⁷ na qual desempenhou participação ativa; reuniões entre o governador, desembargadores, professores e professoras eram recorrentes e noticiadas nos periódicos.

Na imprensa divulgou-se que em determinada sessão solene “usou, então, da palavra em substanciosa oração, cheia de patriotismo a professora Anna Sereni, que ao terminar foi bastante palmeada⁴⁸.” É notória a presença do nacionalismo em todas suas esferas de atuação, coletiva e individual. Grosso modo, o nacionalismo alavancou no século XIX e se consolidou no século XX: delimitação territorial, história, criação de símbolos nacionais, língua e heroicização de algumas personalidades (a exemplo de Tiradentes) compõem o mote para forjar uma identificação consonante entre a população. Na literatura, o romantismo reverberou um ideal nacional a partir da idealização do passado colonial bem como dos povos indígenas.

Apesar do cenário de efervescência nacionalista, as instituições de ensino tinham como diferencial apresentar semelhanças educacionais com a Europa. Na imprensa há uma profusão de anúncios: alguns com breves descrições do currículo, menção ao ensino europeu, em especial da Alemanha e da Suíça, plano de ensino detalhado, professoras recém-chegadas de Portugal, lista de materiais necessários ao ingresso das alunas, oferta de regime de internato etc. Verifica-se uma miscelânea de atributos e um esforço em imprimir diferenciais institucionais para atrair pais ou responsáveis a

⁴⁴ Gymnasio Paes de Carvalho – colação de grau aos novos bachareis. *Estado do Pará: Propriedade de uma Associação Anonyma*. Ano: 1917.

⁴⁵ Collegio “Inojosa Varejão”. *Estado do Pará: Propriedade de uma Associação Anonyma*. Ano: 1919.

⁴⁶ Instituto de Assistencia á Infancia. *Estado do Pará: Propriedade de uma Associação Anonyma*. Ano: 1919.

⁴⁷ “Presidida pelo dr. Lauro Sodré, tendo ao seu lado, na mesa, a presidente da Liga Feminina professora Anna Sereni, foi declarada aberta a sessão.” *Estado do Pará: Propriedade de uma Associação Anonyma*. Ano: 1917.

⁴⁸ Sessão solene. *Estado do Pará: Propriedade de uma Associação Anonyma*. Ano: 1917.

matriculem suas meninas. Também era comum propaganda de professoras particulares, a seguir destaco uma incomum.

Curso elementar, médio e superior

PRENDAS

Educação de meninas, admitindo-se também meninos de 5 a 7 anos.

Reabertura em 9 de janeiro.

Informações com a directora

MARIA JOSÉ RABELLO,

professora normalista.

28 – Rua dos Munducurus – 28⁴⁹

As prendas, de modo geral, encarregaram-se a instruir sobre bordados em diversos tecidos e materiais, trabalhos manuais e de agulha, crochê, tricô, costura, organização de roupas de cama e mesa. Nos documentos oficiais, o ensino dessas tarefas esteve majoritariamente associado ao sexo feminino. O anúncio de um ensino mais livre e opcional denota uma realidade mais difusa do que a pretendida pelo Estado. Infelizmente não conseguimos mensurar a adesão de pais, nem a quantidade de meninos expostos a tais atividades. Contudo, isso nos permite visualizar um pequeno indício de um ensino que perturbou as balizas hegemônicas tanto educacionais (o ensino de prendas para meninos) quanto sociais (meninos e meninas na mesma classe).

No que concerne ao ensino formal, destaco algumas disciplinas incluídas no “Collegio Santa Maria de Belem”: língua materna, gramática, escrita caligráfica, escrita, cópia de trechos fáceis do livro de leitura, doutrina cristã, moral, história pátria, deveres de mães e economia doméstica⁵⁰. No ensino da literatura nacional, o discurso pedagógico seguiu a recomendação do programa de ensino estadual de 1905. Dos quinze componentes curriculares inerentes à disciplina, destacamos três: 7º. – existência no Brasil, de uma literatura distinta da de Portugal. 8º. – Primeiros tempos. Influência dos missionários na formação da nossa literatura. 15º. – A actualidade. Novas escolas literárias⁵¹. O ensino desses conteúdos demonstra o início de um modelo escolar mais afeito a entender e refletir sobre a produção cultural brasileira. O paradigma literário do início do século XX percebeu a necessidade de ensinar e refletir sobre a produção escrita da recém nação.

Virginia Woolf dedicou muitos escritos sobre o livro e o ato da leitura. Na prosa poética *A paixão pela leitura*, argumenta sobre a complexidade, os desafios e, por fim, enfatiza a perspectiva do prazer envolto em tal rito. Além disso, circunscreve a

⁴⁹ Curso elementar, medio e superior. *Folha do Norte*. Ano: 1897.

⁵⁰ Collegio Santa Maria de Belem. *Correio Paraense*. Ano: 1892.

⁵¹ PARÁ. Governo do Estado. *Programmas de ensino da escola normal dos 1º, 2º, 3º e 4º annos*. 1905.

relevância dos livros na história em um sentido profundamente transformador. Em resumo, o que se tem é a defesa da leitura, da construção do pensamento analítico e crítico, ancorado na dimensão do gozo. Ou seja, a liberdade do pensamento pode se dar com deleite. Para uma mulher, ainda que de elite e branca, no século XX é uma transgressão em si. Ademais, nos permite transportar tal menção à educação tendo em vista que leitura e escrita habitavam grande parte do fazer escolar, afinal, a construção do conhecimento é atravessada por tais competências.

Como as professoras difundiram a leitura? O que cobravam nas redações? Quais livros foram recomendados? Quem foram as alunas? Quais seus pensamentos? Essas perguntas desvelam a difícil apreensão da subjetividade de tais profissionais e alunas. Nossa intenção não é esgotar uma análise sobre o sistema educacional do entresséculos para o sexo feminino. Contudo, ao inquirir tais possibilidades amplia-se a interpretação de um tempo para além dos currículos oficiais e anúncios na imprensa. Até porque sempre há uma dose de discrepância entre a obrigatoriedade curricular e a práxis docente – é dessa faísca que advém grandes transformações.

Muitas meninas escreveram para si, para alguém, para ninguém. Muitas narrativas foram interrompidas em favor de uma norma social que reduzia qualquer tentativa de ascensão feminina. Isso foi legitimado pelo estado, pelas legislações educacionais e pelo acordo social. Marisa Lajolo e Regina Zilberman são referências no estudo sobre o papel do aparelho escolar na criação e veiculação da literatura. Na obra *A formação da leitura no Brasil*, as autoras se empenham em desvelar a figura do leitor e da leitora e, para tal, fazem uma interlocução entre o mercado das letras, o papel das escolas e das docentes. Além disso, adentram na questão de gênero e operam um diálogo entre o mundo social das mulheres, na transição do século XIX e XX, e sua representação na literatura romanesca.

Quando pensamos na formação cultural e educacional brasileira desemboca-se na relevância do livro didático, pois a partir dele conseguimos apreender tanto a mentalidade do Estado quanto o ensino difundido para crianças. O caminho percorrido neste primeiro capítulo nos permite entender a tradição que envolve a leitura, a literatura e os pontos de discordância entre o ensino de meninos e meninas. Essa influência escolar e social tem como consequência a difusão de publicações, livros, artigos, jornais com protagonismo masculino. A disseminação de homens letrados não foi algo inesperado, contudo, a intervenção e a insistência de certas mulheres em adentrarem na atmosfera intelectual e literária circunscreve um dos incômodos do entresséculos.

Por outro lado, a discussão acerca da cultura e educação relaciona-se com uma objeção ainda presente atualmente: analfabetismo. No final do século XIX é recorrente nos impressos debates e disputas em torno da unificação da pátria e a preocupação em engendrar ares de modernidade na recém nação. A partir do enriquecimento do Brasil com o café e da Amazônia por meio da extração do látex, tem-se um empenho para civilizar a sociedade aos moldes europeus – civilizar, aqui, significa instruir, educar, difundir a leitura. Para consolidar o Brasil republicano, o analfabetismo deveria ser erradicado e esta foi uma campanha presente nos periódicos.

Em 1902, o jornal *Mensagens do Governador do Pará para a Assembleia* apontou que “o grande problema é lutar contra o analfabetismo; os interesses desta luta [...], obrigão a sacrificar a intensidade do ensino. Dahi a necessidade de reduzir os programmas para que as vantagens do ensino possam ser fornecidas a um maior numero de meninos.⁵²” O analfabetismo era visto como uma chaga social, um mal à pátria. Entretanto, quem seria capaz de trazer o progresso ansiado seriam os meninos, ou melhor, os homens.

O paulatino processo de urbanização e o incentivo de uma cultura letrada foi profundamente restrito, por isso, a educação ocupou muitas linhas, debates e artigos na imprensa. Discutia-se a supressão de certos gastos⁵³ em favor da educação, afinal, uma sociedade iletrada demonstra a ignorância da nação e o fracasso dos políticos. Embora o foco seja compreender como se deu a educação das mulheres, é inegável as peculiaridades relacionadas ao analfabetismo: raça, classe social, idade e região.

Em 1929, no livro *Um Teto Todo Seu*, Virginia Woolf assinala que uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção. O longo ensaio é um relato potente sobre as dificuldades da mulher em se inserir no mundo letrado. A experiência da escritora inglesa fortalece e amplia o debate sobre a educação e a participação de mulheres em espaços destinados aos intelectuais. Afinal, o incentivo à leitura e à escrita foram infrequentes para o sexo feminino, no entanto, tal fato não erradicou o ímpeto de muitas mulheres em se lançarem como professoras e escritoras, por exemplo. E, sem dúvida, a reflexão lançada por Woolf ilumina o entendimento das adversidades vivenciadas por mulheres escritoras⁵⁴.

⁵² *Mensagens do Governador do Pará para a Assembleia. Matricula escolar em 30 de junho de 1902.* 1902.

⁵³ “Os 110:559\$900 de economias no Ensino Primario de modo algum representam o regresso ao analfabetismo”. *Mensagens do Governador do Pará para a Assembleia.* 1920.

⁵⁴ O tema mulheres e ficção é, em si mesmo, uma espécie de ficção. Praticamente não houve mulheres ficcionistas na história oficial da literatura inglesa até o século XX, com exceção de muito poucas, as

A questão da materialidade financeira tratada pela escritora inglesa serve para denotar a liberdade inerente ao poder econômico. Woolf é tão enfática nesse aspecto que, mesmo sendo contemporânea na luta pelo sufrágio, reconhece ser o dinheiro infinitamente mais importante para a dignidade de uma mulher. Logo no início do ensaio, desvela a distinção de tratamento na fictícia universidade de *Oxbridge* – seria a fusão das universidades de Oxford e Cambridge – por transitar em um ambiente genuinamente feito por e para homens. Algo incomum, porém crescente no século XX foi a inserção de mulheres no ensino superior. Betty Friedan na sua obra mais conhecida, *A mística feminina*, denota como as crenças e as instituições incutiram na mentalidade das mulheres ingressantes ao ensino superior (refere-se principalmente à brancas, heterossexuais e de classe média) a permanecerem detidas as demandas do lar.

O acesso ao ensino superior era visto como uma etapa importante da educação, mas que não suscitava grandes ambições profissionais, pois projetar um futuro para mulheres estava inerente à construção de um lar. Friedan demonstra como essa mentalidade foi fomentada pelos professores universitários que reforçavam uma série de preceitos que reduziam as mulheres à atividade doméstica. A autora aponta que o abandono do curso superior antes do término muitas vezes se deu pela falta de incentivo dentro das próprias instituições educacionais. Dentro das universidades, as poucas mulheres que trabalhavam e não seguiam a “mística feminina” tinham seu labor questionado. Desse modo, a consciência prematura da função sexual trouxe prejuízo ao encaminhamento de uma trajetória intelectual. As perspectivas de vida de uma mulher tornaram-se diminutas na educação e no trabalho.

Ao examinar a imprensa paraense do período estudado, não são raros os exemplos de mulheres engajadas na causa educacional, social e política. É um tanto paradoxal pensar que, apesar de serem alijadas do exercício da cidadania, enfrentaram e afirmaram novas possibilidades de existência. Desse modo, a história das mulheres não é algo óbvio como por vezes nos fizeram acreditar: submissas, emudecidas, amedrontadas. Tais adjetivos ressoam apenas uma parte do que lhes fora imposto, logo é um dever do presente evocar as ambivalências da atuação feminina. É preciso reivindicar novas formas de leitura do passado: um passado também narrado por mulheres.

quais também viveram sob pseudônimo, risco e penúria. Houve, sem dúvida, inúmeras personagens femininas, complexas e poderosas, mas que, se vivas, mal poderiam roçar a complexidade ficcional, pois estariam cuidando dos filhos, do marido e da casa. WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1. ed. – São Paulo: Tordesilhas, 2014. p. 165.

Assim, seguiremos no próximo capítulo mais dedicados em mapear artigos acerca do movimento feminista bem como analisar a poética de mulheres publicadas na imprensa paraense.

Capítulo 2 – Mulheres e a imprensa paraense

2.1 – As mulheres devem escrever

Nesse trabalho adotamos a perspectiva feminista para analisar a escrita de autoria feminina. Não partimos da premissa de que todas as escritoras, a serem citadas, aderiram ao feminismo. Assim, a inclusão de notícias, artigos e opiniões acerca da mulher e do feminismo servem para subsidiar a reflexão sobre a literatura feita por mulheres. Acreditamos que a ascensão do debate bem como o aumento da presença de escritoras na imprensa não partem de mero acaso.

Antes de nos determos nos artigos que tratam da pauta feminista, é válido apresentar um contraponto. A “inferioridade da mulher” foi tema nos periódicos e o título dos artigos são os mais variados: “As mulheres rabugentas”, “O cérebro da mulher”, “A psychologia feminina”, todos com a intencionalidade de descredibilizar qualquer mudança do *status quo* social. Em suma, a ciência acompanhou tais discursos, ou melhor, uma ciência feita por e para homens mobilizou o silenciamento de tantas mulheres. O trecho a seguir foi retirado do periódico *O Democrata* e não possui assinatura, contudo, o que chama atenção é pautar cientificamente a ideia de uma inferioridade intrínseca à mulher: “em regra geral, todo home civilizado tem cerca de uma chicara de café mais de massa cerebral do que a mulher, e o que é mais, as autoridades citadas por Buchner sustentam que o cérebro da mulher adulta conserva-se em um estado mais ou menos embyonario ou infantil⁵⁵.”

Tais argumentos foram fundamentados por nomes relevantes do meio científico. O excerto abaixo é apoiado nas ideias de Charles Darwin e Cesare Lombroso⁵⁶. Constrói-se no artigo uma dicotomia entre os sexos: fraco *versus* forte; superior *versus* inferior; ignorância *versus* instrução.

A psychologia feminina

[...] Para Darwin como para Ipemer as qualidades e os caracteres da mulher não são senão o eterno resultado da luta pela vida, da necessidade que tem o fraco de se submeter ao forte, de procurar desarmal-o, agradando-lhe. E assim estes illustres sabios, seguidos tambem pelos italianos Lombroso, Mantenezza, etc, estabelecem como um facto incontestável a inferioridade da mulher, femea estabelecida pura e simplesmente para a procriação. [...] Por outro lado tambem, por esta contradicção que se está manifestando tanto

⁵⁵ O cérebro da mulher. *O Democrata*. Ano: 1893.

⁵⁶ Em vários artigos, Margareth Rago pesquisa sobre a sexualidade feminina no Brasil e a prostituição e menciona o legado científico de Lombroso, o qual ressoou entre os médicos brasileiros. RAGO, Margareth. Os mistérios do corpo feminino ou as muitas descobertas do “amor venéris”. In: *Proj. História*. São Paulo. (25). dez. 2002. p. 181-195.

neste seculo nas investigações do espirito humano, o alargamento da instrucção das mulheres incute-lhes a aspiração de hobrearem com os homens, de se doutorarem como elles, de votarem sobre os assumptos da administração publica, e nada ha mais comico do que ver as mulheres inquirem-se nos bancos das escolas nas idéas de darwinianas, e, achando provado que constituem uma raça inferior, querem ao mesmo tempo occupar os lugares e ter ter o direitos que a raças superiores competem!⁵⁷

Para além da oposição entre o que é esperado para um homem e para uma mulher, o artigo instiga ser uma contradição a inserção feminina no ambiente intelectual e político. Essas ideias, de certo modo, encontravam seu lugar frente aos contestadores das ideias feministas. Assim, ao pensar na sociabilidade feminina e na própria produção literária do entresséculos, é peculiar examinar a dinâmica das amizades femininas que operam como um refúgio em meio a uma sociedade nada disposta a reconhecer a mulher enquanto detentora de uma individualidade distinta dos pressupostos científicos do período.

O imaginário inerente à mulher como um ser afeito a trocas confidenciais, segredos, cartas, diários, advém de um brutal emudecimento. Para as mulheres, a libertação por meio da palavra cunhou sua maneira de ver o mundo e possibilitou ocupar-se de si, se pensar enquanto indivíduo, se reconhecer. Mary Del Priore discorre acerca da concepção do amor na história do Brasil. Entre os séculos XIX e XXI, os costumes e as práticas amorosas entre as classes mais abastadas eram sinônimos de negociação. Enquanto a literatura possibilitou a fruição da imaginação de uma outra realidade. Sobre isso, afirma a autora:

O casamento era um negócio de longa duração que não podia começar sem a opinião de parentes e amigos. A bem dizer, atrás da concepção cristã do casamento, há a hebraica. Ambas preocupadas em eliminar o amor-paixão do casamento e a impor à mulher sua obediência ao marido. O lugar do amor ficava sendo, portanto, a literatura. Literatura em que, ao contrário, a mulher reinava e era adorada, distribuía ou recusava favores livremente. Mas sempre em um cenário em que se bifurcavam dois amores: o de fora e o de dentro do matrimônio. E o de fora, levando, invariavelmente, a dolorosas dificuldades.⁵⁸

Reconstituir e dimensionar a historicidade das literatas compõe, nesse sentido, um enfrentamento e um diálogo entre os registros documentais, no qual permitem alicerçar o debate sob a ótica feminista⁵⁹. Exemplo disso foi o entendimento do

⁵⁷ A psychologia feminina. *A Republica*. Ano: 1893.

⁵⁸ DEL Priore, Mary. *História do amor no Brasil*. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2012. p.78 – 80.

⁵⁹ A crítica feminista e os estudos culturais de gênero trazem a possibilidade de observação do fenômeno de maneira mais atenta, iluminando as produções deixadas às escuras margens da dita Literatura – com L maiúsculo. ZINANI, Cecil Jeanine Albert; POLESSO, Natalia Borges. Da margem: a mulher escritora e a história da literatura. In: *MÉTIS: história & cultura* – ZINANI, Cecil J. A.; POLESSO, Natalia B. p. 101.

ascetismo como um valor soberano. O ideal de pureza feminina vislumbrado a partir da Virgem Maria perdurou para além do medievo. Afinal, a orientação conjugal era a procriação, logo, o pudor obsessivo foi a tônica do comportamento, refletido nas roupas, educação, linguagem e comportamento.

A imprensa detinha a autoridade intelectual, configurou-se como espaço de poder referente à linguagem, ao discurso e à representação da sociedade no tempo. Assim, de que forma a mulher foi representada neste período? O excerto abaixo, extraído do periódico “A Patria Paraense” e foi escrito por Emilio Castellar; professor de história da Universidade de Madrid, político e redator. Castellar colaborou com a imprensa nacional e internacional, especialmente, na luta política em torno do republicanismo democrático e liberal⁶⁰. Não obstante, se aventurou em imprimir sua visão sobre um ideal de socialização a ser inculcado aos homens e às mulheres.

A mulher

Filha ou mãe, amiga ou amante, irmã ou esposa, nós nunca lhe disputamos nem o primeiro affecto em nosso coração, nem o primeiro dominio em nossa alma. Nunca ouvireis em nossas conversações essas contendas sobre a superioridade de um sexo ou a inferioridade do outro, que em tantas circunstancias tem agitado a litteratura moderna. As qualidades exclusivas do homem são necessarias para o trabalho e para a lucta; mas as qualidades da mulher são necessarias para a poesia e para o amor. [...] A mulher reservará sempre para si a primeira e a mais fundamental educação do genero humano, a educação do sentimento, porque a mulher recebeu na mocidade o sacerdocio mais divino e sublime da natureza, o sacerdocio de mãe.
Emilio Castllar.⁶¹

Foi delegado à mulher o papel central na família, uma espécie de mediadora de seus membros. Tal encargo envolvia a religião cristã e o ideal materno a partir da virgem Maria; a interpretação sagrada do matrimônio e da maternidade confinou mulheres em uma única possibilidade de existência: esposa e mãe. Simone de Beauvoir afirma que, diante do homem, a mulher não passa de uma representação, pois não se sente confortável em sua pele, em manifestar suas ideias e aspirações. Beauvoir sustenta a ideia da mulher como um adorno e denota o papel da moda como aliada dos desejos masculinos: saia, salto alto, meias frágeis, esses elementos reforçam o caráter fantasioso e contemplativo entremeado nos corpos das mulheres. Beauvoir aponta que as roupas do

⁶⁰ FERNANDÉZ, Tomás; TAMARO, Elena. *Biografía de Emilio Castelar. In: Biografía y Vidas. La enciclopedia biográfica en línea [Internet]*. Barcelona, España, 2004. Ver em: <<https://www.biografiasyvidas.com/biografia/c/castelar.htm>> Acesso em: 7 nov. 2023.

⁶¹ A mulher. *A Patria Paraense*. Ano: 1894.

homem assumem caráter de sobriedade enquanto, no caso da mulher, a sociedade pede que se faça objeto erótico⁶².

Maria Amália Vaz de Carvalho foi uma escritora portuguesa, publicou em 1867 seu primeiro livro e atuou como articulista em periódicos de circulação em Portugal e no Brasil com artigos voltados ao público feminino. Nesse trecho retirado do jornal *Folha do Norte*, a escritora, a propósito do feminismo, argumenta em defesa do gênero epistolar como característica do estilo feminino na escrita. Segundo Brigitte Diaz, a carta é um atalho de si sob o olhar do outro, pois permite dialogar sobre si e, ao mesmo tempo, pressupõe uma troca com aquele que a lê⁶³.

O movimento feminista actual

[...] Ninguém escreve cartas comparáveis às cartas femininas, o estilo epistolar é o seu triumpho. Porque? Porque é o unico em que ella póde revelar-se como é, sem artificios e sem requebros, sem véos convencionaes e sem receios hypocritas. No romance, a mulher revela qualidades que se não confundem com as do homem. Georges Elliot, Georges Sand, Mrs. Humphry Ward e algumas mais conseguiram mostrar ao mundo que esse campo, ao menos, se a palma ainda pertence ao homem ha esperanças justificadas de que elle venha a ser igualdo senão vencido.

Maria Amalia Vaz de Carvalho.⁶⁴

Em contraponto, a imprensa também reverberou as discussões sobre o futuro da modernidade, foram crescentes artigos questionadores acerca de um modelo homogêneo de experienciar a vida. Tânia Regina de Luca aponta que Maria Amália era conhecida por ter origem aristocrática, uma cultura enciclopédica, esposa e mãe exemplar⁶⁵. Sem dúvidas, tais atributos, considerados relevantes no século XIX, propiciaram espaço na imprensa e impulsionaram o êxito de sua produção.

Apesar disso, é inegável o quanto a difusão desse meio de comunicação revolucionou a mentalidade, sociabilidade e os costumes de um tempo. Em finais do século XIX, os periódicos ampliaram e agregaram múltiplos assuntos: ciências, notícias internacionais, poesias, folhetins. Ao pensar nas mulheres do período (apesar do número irrisório de letradas), alguns periódicos surgiram a fim de sanar tamanha disparidade

⁶² BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução: Sérgio Milliet. – 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. p. 332.

⁶³ “A carta é “uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo”. Em outras palavras, não é um simples reflexo de si que se ofereceria para captar o olhar fascinado daquele que se convocou para isso, mas é o processo de escrita pelo qual o sujeito se produz, tomando ciência da presença e do peso de outro na constituição de sua identidade.” DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. Trad. Brigitte Hervot; Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016. p. 151.

⁶⁴ O movimento feminista actual. *Folha do Norte*. Ano: 1896.

⁶⁵ LUCA, Tania Regina de; SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Maria Amália Vaz de Carvalho nas páginas de O Paiz (1884 – 1889): levantamento dos textos e notas iniciais de pesquisa. In: *Herança – Revista de História, Patrimônio e Cultura*. 2021.

entre os sexos. A *Revista Familiar* foi um desses exemplos: era dedicado às senhoras. Em 1883 a *Revista Familiar – um periódico dedicado ás famílias*⁶⁶ tem sua primeira publicação com distribuição semanal, sempre aos domingos e continha em média oito páginas. O primeiro impresso demarca o público-alvo: as excelentíssimas senhoras do lugar.

A Revista Familiar offertamos às Exmas. senhoras vem prehencher uma lacuna cuja falta muito ressentia-se entre nós; não porque deixe de existir innumerous jornaes, aliás muito bem escriptos; mas porque nenhum dedica-se especialmente ao que é de interesse geral. Para as senhoras escrevemos esta revista, o seu programma é reunir o util ao agradável, procurando nos limites de nossas forças tratar todas as questões de educação, instrucção, sciencias, litteratura, commercio e industria, do modo mais ameno e interessante. [...] A mulher sem instrucção é para o homem uma creada em lugar de ser uma amiga, é um ente sem valor em lugar de ser um thesouro. Convictos d’esta verdade, e reconhecendo os vossos meritos, facilitamos-vos os meios para desenvolverdes os dotes que possuis e fazerdes de vosso lar um paraíso, de vossos filhos verdadeiros homens do progresso, de vossos maridos um amigo dedicado e amoroso⁶⁷.

A imprensa detinha a autoridade intelectual, configurou-se como espaço de poder referente à linguagem, ao discurso e à representação da sociedade no tempo. Assim, de que forma a mulher foi representada neste periódico? O excerto acima foi retirado da primeira página e convoca a necessidade da educação feminina. Mas não se engane, não se trata de um periódico revolucionário. Pelo contrário, foi fiel à ambivalência acerca dos limites da liberdade da mulher.

O intento de tal periódico não foi criar um espaço de livre pensamento feminino, afinal, “a mulher sem instrucção é para o homem uma creada em lugar de ser uma amiga”, ou seja, o desenvolvimento intelectual da mulher era louvável não para sua autonomia e, sim, para o âmbito doméstico; para a admiração do esposo, em prol da educação dos filhos. É sempre um movimento a serviço do outro em detrimento do crescimento pessoal da mulher.

No que concerne à estrutura, a *Revista Familiar* não apresentou uma divisão regular, contudo, estas seções quase sempre estiveram presentes: a) Sciencias; b) Meditações philosophicas sobre a historia politica das Nações do Mundo; c) Instrucção e Educação; d) Politica; e) Litteratura; f) Secção amena g) Receita para doce (sempre assinada por Caetana Rapozo Dias); h) Poesias. Em geral, os escritos eram assinados por homens, contudo, também era recorrente o uso das iniciais e do anonimato. O que,

⁶⁶ Coleção Revista Familiar, Belém, de 4 de fevereiro a 10 de junho de 1883, no Acervo de Obras Raras – Acervo Digital da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

⁶⁷ Sirva de prospecto. *Revista Familiar*. Ano: 1883. p. 1

de imediato, causa estranheza: como um jornal feito para senhoras não apresenta sua visão de mundo? É fato, a Constituição do Império não considerava as mulheres cidadãs e a ideia de uma educação gratuita estava distante do debate político.

A inexistência de um ensino formal foi empecilho para a maior parte das mulheres, já que as filhas dos homens instruídos tinham algum acesso à leitura e educação, sobretudo, no ambiente doméstico. Cavoucar a escrita feminina por meio da imprensa, a qual representou o epicentro dos discursos desse tempo, incita o conhecimento de novos sujeitos para além da oligarquia intelectual masculina tão conhecida. Portanto, analisar a escrita de autoria feminina deste período também perpassa pelo entendimento do lugar social vislumbrado à mulher na própria imprensa.

Como o sexismo se manifestou nos periódicos? De que modo esse meio de comunicação reforçou e reproduziu desigualdades entre homens e mulheres? Da perspectiva social, a discrepância entre o que era destinado ao homem e à mulher encontrou força na ênfase da distinção biológica. *A Revista Familiar* reforçou o imaginário sobre a mulher como um ser “destinado” à tarefa doméstica, conforme se pode notar no seguinte artigo:

De tudo o que temos dito o que se segue é que, o estudo quer da natureza material da mulher, quer da observação constante dos factos, induzem a crêr com segurança, que o homem e a mulher são de natureza physicas differentes. Essa differença notada entre as duas organizações, indica que a mulher não está completa por si só, que precisa de um amparo, de um protector natural, que venha, completando a sua organização physica, suprir todas as suas necessidades. Esse protector que a natureza da mulher pede é o esposo. Pelo esposo constitue-se familia, o lugar proprio assignado á mulher pela sua organização material, e para onde tudo conspira a atiral-a. Estabeçamos pois que a constituição physica da mulher a creou e dispôs propriamente para a vida interior do lar domestico. Continuando no estudo comparativo do homem e da mulher, para assignar-lhes um papel no seio da familia, discutiremos a seguinte proposição: Serão o homem e a mulher moral e intellectualmente iguaes? Demonstramos ou pelo menos procuramos demonstrar anteriormente que a natureza physica do homem não era a mesma da mulher, que esta sendo mais fraca, mais doce e delicada e menos musculosa no sexo feminino, era ao contrario no homem mais forte, mais robusta, apresentando accentuados caracteres de masculinidade⁶⁸.

Como se vê nesse trecho, o artigo naturaliza a ideia de que uma mulher sem um esposo é uma pessoa incompleta; seja por seu porte físico ser inferior ao masculino e também pela concepção do corpo da mulher ser “naturalmente” afeito às tarefas domésticas. Desse modo, a discrepância biológica entre os sexos foi utilizada como argumento para a crença de que os atributos morais e intelectuais são afeitos aos corpos

⁶⁸ A familia, sua constituição, a mulher na vida social, sua educação – continuação n° 2. *Revista Familiar*. Ano: 1883. p. 42-43.

pujantes inerentes aos homens. No tocante à maternidade, é o corpo feminino que sofre as transformações; gesta, sustenta e alimenta um novo ser. O texto abaixo evidencia a centralidade da mulher no funcionamento familiar.

O filho até a mais avançada idade sujeito a uma dependencia absoluta, a mulher n'uma posição esquerda, considerada como diz um publicista: <<uma besta de carga, um instrumento de trabalho.>> A mulher é hoje considerada uma pessoa civil, uma individualidade social, uma grande potencia na família, e a maior cooperadora do seu bem estar e felicidade. Devemos a elevação da família ao Christianismo pela elevação da mulher na pessoa de Maria, o perfeito typo da mãe de família, e pela igualdade dos direitos e dos deveres. [...] O casamento é a base da família. O que dá origem ao casamento (salvo as excepções da ambição do dinheiro e da conveniências sociaes) é o amor, sentimento complexo e que aproxima dous seres identificando-os. Elle deve ser puro e nobre sem o platonismo estéril⁶⁹.

Apesar das contrariedades presentes na *Revista Familiar*, foi o único dentre os periódicos pesquisados que declaradamente destinou-se às mulheres paraenses. Não encontramos periódicos revolucionários às causas feministas; via de regra, a imprensa publicou artigos reivindicatórios, opinião dos editores e notícias sobre as conquistas feministas de outros países.

A dimensão material, financeira, foi/é primordial e urgente para a autonomia, contudo, não foi/é condição vital para um ambiente social, cultural e político mais receptivo às mulheres. Paulatinamente, os periódicos serviram como instrumento de luta e invocaram o público a pensar a mulher para além da dimensão privada. Assim, a presença de poemas na imprensa permite o entendimento da mentalidade do entresséculos – é impensável ler qualquer escrito de autoria feminina sem levar em conta a condição social destinada às mulheres.

A poesia pressupõe a capacidade criativa, a ideia de criar algo, para mulheres, possibilitou uma forma de exprimir seus sentimentos, desejos, visão de mundo. No próximo item vamos explorar os escritos de autoria feminina publicados na imprensa paraense no final do século XIX e começo do século XX.

2.2 – A assinatura feminina na imprensa paraense

Assinatura e autoria

Terry Eagleton no livro *Teoria da Literatura: uma introdução* assegura que a literatura não possui um conjunto de características estáveis. Tempo, espaço, sociedade

⁶⁹ A família, sua constituição, a mulher na vida social, sua educação. *Revista Familiar*. Ano: 1883. p. 11.

e poder contribuem para determinada literatura ser considerada digna de valor ou não. Além disso, o público também estabelece o que é tido como valoroso, logo, o cânone – ainda que lentamente – também se transforma.

A literatura possui juízos de valor que são historicamente variáveis e, portanto, possuem estreita relação com as ideologias sociais vigentes. A valorização que os escritos de autoria feminina alcançaram nesse século, além da consolidação de autores/as negros/as exemplificam tais mudanças. Logo, a literatura não é objetiva, nem descritiva. A literatura coexiste na ambivalência de concepções que expõem muito mais sobre o que ela não é. Assim, a presente pesquisa tem como intento sacolejar a historicidade literária acerca da produção literária feminina e apresentar os escritos assinados por mulheres na região Norte do país.

Antes de adentrarmos na poética de autoria feminina, consideramos oportuno esclarecer a escolha pelo termo assinatura. Vincular um poema à autoria é uma conquista recente na história das mulheres, até porque não é leviano afirmar que, desde que letradas, as mulheres sempre pensaram, refletiram e escreveram sobre o mundo – sejam escritos de cunho literário ou não. Contudo, associar a produção poética a um nome feminino é um feito, sobretudo, do entresséculos. Por isso, além de analisar os poemas, as temáticas e o conteúdo literário presentes nos versos assinados por mulheres, reafirmamos a importância da autoria.

Hans Ulrich Gumbrecht detém-se na estabilidade do texto impresso para abordar a intencionalidade do autor. O surgimento do livro suscita estabilidade, contudo, não é totalizante. A ideia de “máscara” apresentada por Gumbrecht implica o nascimento de uma perspectiva autoral que aniquila a expansão de sentidos: “todo leitor/espectador, confrontado com um autor, deverá, em vez de seguir seu ato como processo, pressupor a existência de um sentido predeterminado, idêntico a si mesmo, antes de toda objetivação ou interpretação⁷⁰.” Associar autoria a intencionalidade busca asseverar uma

⁷⁰ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. Tradução: Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 100.

condição de estabilidade a qual afasta a capacidade de abstração e subjetividade dos leitores.

A autoria estabelece uma visão de mundo; em razão disso, refletir sobre as condições sociais, políticas e econômicas torna-se fundamental para a análise de escritos de autoria feminina. Ao examinar a autoria feminina no século XIX, não podemos naturalizar a diminuta presença de mulheres na literatura, pois a história mostra o quanto a cultura e a sociedade criaram mecanismos para cercear a emancipação feminina.

Constância Duarte adverte para um conjunto de entraves à participação de mulheres no meio literário; o desencorajamento familiar, a adoção do anonimato, imposição do pseudônimo e, pior que isso, a incorporação da obra por um homem (em grande medida, os maridos) são demonstrativos da força opressora a qual estiveram submetidas⁷¹. Eagleton reforça que as obras literárias, a todo momento, são “reescritas” por novos grupos, daí advém a força da literatura e sua instabilidade para qualquer tentativa de classificação.

Para os estudos feministas, a assinatura de um texto é relevante, pois foi a partir de uma leitura extrínseca que se formou o “contracânone” brasileiro: Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco exemplificam a releitura de uma periodicidade também demarcada pela assinatura feminina. Assim, a literatura encontra-se no limiar entre a autoria e a plena liberdade interpretativa. Desse modo, devemos agregar uma dupla leitura para a construção de uma interpretação crítica: intrínseca e extrínseca.

⁷¹ DUARTE, Constância Lima. *O cânone literário e a autoria feminina*. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1997, p. 85, 86 e 87.

⁷² REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. Porto Alegre: Editora Figura de Linguagem, 2018. p. 3.

Poemas assinados por mulheres

Elencamos poemas publicados nos periódicos, os quais estão inseridos nas temáticas mais recorrentes entre os escritos de autoria feminina: religiosidade, maternidade, amor entre mãe e filha e amor romântico. Antes de apresentarmos os poemas, é válido elucidar que tais escritos reafirmam a expectativa em torno do estereótipo feminino. Uma motivação, dentre tantas motivações para isso ocorrer, está na socialização profundamente distinta entre os sexos – a educação, como visto no primeiro capítulo, denota a cisão entre homens e mulheres.

O primeiro poema a ser apresentado é de Elmira Lima, que narra a missão de Jesus e adentra na escritura sagrada. O sujeito poético se insere de modo devocional, evoca o Evangelho e desvela a pequenez humana. É um poema voltado ao céu e fincado no repertório inculcido às mulheres: credulidade, resignação, delicadeza.

Jesus

[...] Da Bondade de Deus, Enviado extraordinário
para plantar na Terra as sementes do Amor;
regando-as com seu sangue ao sopé do Calvario
nas almas fez nascer mil searas em flor!...

Em rythmos de luz, o Evangelho sagrado,
cheio do aroma azul do santo immaculado,
- canta em meu coração o nome de Jesus!

E de joelhos, aos pés do Nazarethno santo,
minh'alma reproduz, no pobre e rude canto,
do Evangelho do céu, os rythmos de Luz⁷³!
Elmira Lima

O poema integra o livro *Rythmos de luz* publicado em 1931. A obra de Elmira por diversas vezes foi anunciada de forma elogiosa na imprensa. É curioso o modo como a poeta é exaltada na imprensa: “brilhante” e “distinta” foram os adjetivos elencados para se dirigir a autora. Segue abaixo um comentário sobre o livro da autora publicado por ocasião do lançamento do seu livro.

Rythmos de luz

A nossa brilhante colaboradora d. Elmira Lima, tem prompto a publicar, com a possível brevidade, um interessante poema, cujo titulo sugestivo é o que acima se lê.

⁷³ Jesus. *Guajarina*. Ano: 1931.

São versos inspirados nas mais bellas passagens do Novo Testamento, - a fonte inesgotável das belezas eternas, onde os espíritos mais brilhantes se têm abeberado, produzindo verdadeiras maravilhas de arte.

Certamente ao novo livro de nossa distinta collaboradora está reservado o mais esplendente successo⁷⁴.

No ensaio “Literatura e mulher: essa palavra de luxo”, Ana Cristina César discute sobre a existência de uma poesia genuinamente de mulher. Mesmo o texto sendo escrito em 1979, segundo Ana C., Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa povoavam a expectativa da assinatura feminina. A pureza, a delicadeza e a nobreza, em suma, foram associadas às mulheres, contudo, alerta que “a ideia de procurar uma poesia feminina é uma ideia de homens, a manifestação, em alguns críticos, de um complexo de superioridade masculina⁷⁵.” Ao mesmo tempo, muitas mulheres se vincularam ao ideário poético de Cecília.

Apesar de letrada e escritora, Elmira, de certo modo, segue a norma incutida às mulheres e publica uma obra de cunho religioso, o que reforça o estereótipo de uma poética feminina. Assim, a poeta não tematiza sobre o desejo, não contesta a ordem vigente, não questiona a produção literária predominantemente masculina; Elmira propaga uma poesia virtuosa. Logo, não se trata de um poema “feminista” e, sim, uma literatura assinada por uma mulher inserida em uma sociedade profundamente patriarcal, contudo, isso não resvala na sua escrita.

A revista *Belém Nova* a qual, segundo o historiador Aldrin Figueiredo e Heraldo Galvão Júnior⁷⁶, inaugurou na região Norte uma nova linguagem jornalística: recortes, colagem, diagramação nova, enfim, uma estética moderna em consonância com o movimento paulista. Assim, ensaios literários, anúncios, poemas, contos, estiveram presentes neste periódico.

⁷⁴ Rythmos de luz. *Guajarina*. Ano: 1931.

⁷⁵ CESAR, Ana Cristina. Literatura e mulher, essa palavra de luxo. In: *Crítica e tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 259-260.

⁷⁶ FIGUEIREDO, A. M. de; GALVÃO JÚNIOR, H. M. Revistas no Front: aproximações entre Belém Nova e Revista de Antropofagia por meio de manifestos na década de 1920. In: *Antíteses*, [S. l.], v. 12, n. 23, p. 166–195, 2019. DOI: 10.5433/1984-3356.2019v12n23p166. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/36251>



Figura 03: Belém Nova - agosto de 1926.

Analizamos as dezesseis edições da revista disponíveis na Biblioteca Arthur Vianna, porém, poucos exemplares apresentavam poemas assinados por mulheres. Alguns poemas assumiram o sujeito poético feminino, contudo, a autoria era de um homem. Em grande parte das edições, tem-se a imagem de uma mulher na capa da revista, além disso é comum a presença de fotografias de mulheres filhas de alguém de destaque social.



Figura 04: Belém Nova - agosto de 1924.

Os dois poemas a seguir têm como norte a relação mãe e filho; o primeiro poetiza sobre a saudade da mãe que partiu, enquanto o segundo versa o luto de uma mãe que perdeu seu filho. A morte foi um tema recorrente na poesia de autoria feminina; natureza, religião, questões existenciais, foram pilares para a expressão poética de tal tema. Emily Dickinson e Cecília Meireles são poetisas representativas dessa alusão à morte.

Pôr de Sol

Á QUERIDA MAMÃE

Sentada às vezes do barranco á beira,
Sobre a relva macia e avelludada,
Eu contemplo, sozinha, e extasiada
A tarde que passando vae ligeira.
Agora, a luz do Sol, vae se apagando...
Já pelo espaço, nota-se contente,
Uma formosa garça alvinitente
Num manso adejo, amplidões cortando.
Vão uma a uma as illusões morrendo...
E como nuvens, vão se dissolvendo,
No espaço immenso desta insana lida.
E minh'alma chorando a Soledade
Vê qual astro a brilhar na immensidade,
O Santo amôr de minha mãe querida.⁷⁷

Alegria Essucy

Em “Pôr de sol” o eu-lírico medita sobre o luto da mãe de modo melancólico e imagético (barranco, relva, luz do sol, garça, nuvens). Além de um amontoado de sensações: contemplação, ilusão e choro. Assim, o título do poema refere-se ao “santo amôr” da mãe, pois nos versos denota-se uma natureza silenciosa que é resgatada pela luminosidade do amor materno.

No poema abaixo, "Tres de maio", tem-se o luto pela precoce partida do filho, desvelando o embaralhamento da subjetividade e apresentando a ânsia de colocar a emoção no centro da poética.

Tres de maio

A MEMORIA DE MEU QUERIDO FILHO RAYMUNDO BOLONHA, NO
ANNIVERSARIO DE SEU PASSAMENTO

Foi no dia tres de maio,
Dia bem fatal para mim,
Perdi meu querido filho;
Soffro saudades sem fim.

Consolar-me em meu sofrer
Minhas amigas buscavam;
Eram mães...como eu sensiveis,

⁷⁷ Pôr de sol. *Belem Nova*. Ano: 1924.

A chorar também ficavam”

Fazem hoje quatro anos
Que meu Mundico morreo,
Era a florsinha querida,
E a pobre flor fenecê!...

Só quando a morte cruel
Minha existência cortar,
Deixarei, querido filho
De as provas de amor te dar⁷⁸!

Henriqueta Bolonha

De modo geral, os poemas de Alegria e Henriqueta apresentam a violação da intimidade dessas poetisas, por isso também indicam uma relação com a verdade. Ambos exploram a temática do luto e da saudade; no primeiro poema, é na contemplação da natureza que o sujeito poético contempla e lamenta a perda da mãe, enquanto o segundo poema, apega-se à data de falecimento da morte do filho para rememorar o quarto ano que vive com essa dor. Os poemas são bem quistos pois supomos serem delineados da experiência e do coração da poeta⁷⁹. A expressão da individualidade, dos sentimentos, das memórias encontrou um sentido a partir do século XIX, quando a autobiografia passou a ser discutida e circunscrita nos dicionários.⁸⁰

A partir de então, tem-se um novo tipo de escrita e um novo modo de leitura. Virginia Woolf denota que no início do oitocentos, os romances escritos por mulheres eram em grande parte autobiográficos, um dos motivos que as levavam a escrever era o desejo de expor o próprio sofrimento, de defender sua causa⁸¹. Assim, a relação entre a literatura e a vida compõe a imagem pública dessas escritoras, em suma, pertencentes à classe burguesa e com papéis sociais bem definidos: esposa, mãe, dona de casa, cristã.

Assim, os poemas de amor romântico seguem, de certo modo, o tom devocional e a exacerbação inerente à temática religiosa. Contudo, o subjetivismo poetizado, muitas vezes, parte da experiência do sujeito poético: impossibilidade, saudade, tristeza, idealizações, conformam a sentimentalidade presente nos poemas.

⁷⁸ Tres de maio. *Revista Familiar*. Ano: 1883.

⁷⁹ A poesia não está em toda parte, a autobiografia também não. Uma pode ser instrumento da outra. Não há mal nenhum em reconhecer que são duas coisas diferentes e, ao mesmo tempo, admitir-se a possibilidade de que têm muitas interseções. Pode-se tomar o termo autobiografia num sentido amplo e vago, ou estrito e preciso. Assim como a poesia. LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; Trad. Jovita Maria Gerheim, Maria Inês Coimbra. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 88.

⁸⁰ *Ibidem*. p. 53.

⁸¹ WOOLF, Virginia. *Mulheres e ficção*. Tradução de Leonardo Fróes. – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019. p. 16.

Ao Raymundo Amaral, com apreço

Meu amor!...Meu amor!...Eu já estava triste,
Pensando que jamais pudesse te falar.
Tanto que em cada verso um que de dor subsiste,
Inda vago, a exprimir um queixume sem par...

Mas...Tão longe, amor quem á saudade resiste?
Por ventura, quem pode o soffrer dominar?
Longe dos olhos teus minha vida consiste
Num carcere sem luz, onde não chega o luar...

E é assim que no silencio anonymo das noites,
Sem prestar atenção aos miseros açóites
Da vida, a todo instante a me ferir, debalde,

Eu procuro olvidar minha saudade crúa,
Recitando, a passear, versos de amor á Lua
Que parece chorar no meu triste arrebalde⁸²!

Adalcinda Magno Camarão

No primeiro verso do poema de Adalcinda, a partir de duas palavras temos a entonação do poema: amor e tristeza. Na primeira estrofe o sujeito poético denota que expressa seus sentimentos na poesia: “[...] em cada verso um que de dor subsiste, / Inda vago, a exprimir um queixume sem par...” Na estrofe seguinte, sabemos que o distanciamento do amado é a motivação da desolação: “Longe dos olhos teus minha vida consiste / Num carcere sem luz, onde não chega o luar...” Depois de tais versos, o eu-lírico delinea o poema a partir da associação entre a Lua, a qual figura como uma parceira de confissões, e a obscuridade, para evidenciar tamanha desventura. Se, nos versos iniciais, escrever o poema era uma forma de exprimir sua dor, nos versos finais, a recitação materializa e expande tamanho padecimento.

O próximo poema foi publicado na revista *Terra Imatura* a qual teve curto período de duração: de 1946 a 1952. A revista teve como editores Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir, os quais foram e são referências literárias no norte do país. Adalcinda integrou o círculo de poetas paraenses, sobretudo, da década de 40, pois nos anos 50 foi realizar seu mestrado e doutorado nos EUA, país no qual residiu por quatro décadas e atuou como professora de literatura e português para estrangeiros. Apesar do distanciamento geográfico, manteve diálogo com escritores, continuou publicando na imprensa paraense e não tardou para integrar a Academia Paraense de Letras, em 1959. Eis um poema de Adalcinda:

⁸² *Guajarina*. Ano: 1931.

Explicação inútil

Dentro, sombras.
 Fóra, sombras, também se davam
 como corpos ansiosos por carinho.
 A mulher sem amôr tinha os olhos molhados,
 tinha os braços jogados, sem destino...

[...]

Dentro, sombras.
 Fóra, sombras continuavam,
 algumas tremulas, algumas pesadas, algumas intáctas.
 É a mulher sem amôr,
 sentindo a vida lhe apalpar os nervos e lhe acariciar como o homem
 que havia de vir,
 poz a cabeça quiéta entre as mãos torturadas...
 E esperou⁸³.

Adalcinda

O poema remete ao estado sentimental de uma mulher à espera de um sentido para viver. Em um primeiro momento, a impressão é da ausência do amor romântico, sobretudo, por conta da analogia traçada no quarto e quinto verso da segunda estrofe. Contudo, em uma leitura mais demorada percebe-se o jogo de contraposições (dentro, sombras), estabelecido pelo sujeito poético, o qual denota uma destituição de perspectiva e, portanto, a permanência na sombra. Apesar de não ser o enfoque do trabalho a associação entre poesia e obra de arte, ao reler tantas vezes o poema rememorei as pinturas de Edward Hopper (especialmente “Eleven AM”, “Hotel Room” e “Morning Sun”) em razão do protagonismo feminismo ao retratar a vida moderna norte-americana permeada de solidão, estranheza, silêncio⁸⁴.

O poema a seguir é de autoria de Dulcinéa Paraense. Seu ofício de poeta esteve presente, sobretudo, nos suplementos literários das décadas de 40 e 50. Contudo, Dulcinéa continuou publicando até os anos 2000, mas não chegou a publicar uma obra. Pouco tempo depois, a pesquisadora Lília Silvestre Chaves trabalhou na organização dos poemas da autora. As inquietações centrais da poesia de Dulcinéa envolvem os seguintes temas: erotismo, natureza, silenciamento, religião⁸⁵. Na revista *Terra Imatura* de 1938, tem-se a publicação do poema “Pagina inutil” que, de certo modo, perpassa por elementos cruciais na poética de Dulcinéa.

⁸³ Explicação inútil. *Terra Imatura*. Ano: 1940.

⁸⁴ Para aprofundar: FLORES, M. A voz do silêncio na arte de Edward Hopper. Ou a modernidade desencantada. *MODOS. Revista de História da Arte*. Campinas, v. 1, n.2, p. 29-46, mai. 2017. Disponível em: <<http://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/75>> DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v1i2.757>

⁸⁵ Raudenkolb da Costa, G. C., Silva Belo, G., & Fernandes de Amorim, T. (2022). Silenciamento e traços de escrita feminina em Dulcinéa Paraense. In: *Revista Alere*, 23(1), 221–241.

Pagina inutil

Tudo é limite na paisagem:
a luz dos olhos, bruxoleando,
se apagando, na consunção da châma interior.

Nada é limite na penumbra:
sexo que perde o seu destino, cada dia,
na decomposição da carne que o abutre ronda,
dentro da noite enorme...

Tudo é contraste no silencio:
pelos telhados, escorrendo, a claridade
penetra, apenas, para o efeito-luz e sombra do cenário.

Nada é contraste, sobre a vida:
criminoso abandono ensinado na infância,
religiosidade inutil, decorada...

Dentro do mundo,
fóra do mundo,
DEUS, no misterio que ninguem penetra⁸⁶.

Dulcinéa Paraense.

O título do poema, de imediato, anuncia uma perspectiva dispensável do que vem a ser dito. Ao nos determos nas cinco estrofes, observa-se o enfoque do sujeito poético em tais palavras: limite, penumbra, contraste, silêncio, vida e religião. O primeiro verso da primeira estrofe (“limite na paisagem”) alude uma representação sobre a diminuta percepção humana sobre a vida. A estrofe seguinte denota a penumbra como um lugar onde nada é limitado, a exemplo do sexo e da carne, ao mesmo tempo essa ausência de limites recai na decadência do ser humano - tal visão é consonante à doutrina cristã e ao valor dado a castidade e incutido, especialmente, entre as mulheres.

A busca por um sentido incide no silêncio, destacado na terceira estrofe, o qual remete à ambiência, ao cenário do poema. Então, o eu-poético empenha-se em culpabilizar tamanha obscuridade existencial, e assim o faz: “criminoso abandono ensinado na infância, / religiosidade inutil, decorada...” Apesar da incredulidade religiosa, finda o poema de modo reflexivo e, invariavelmente, busca por uma explicação transcendental, pois ratifica o mistério inerente a Deus. Segundo Iris Barbosa⁸⁷, apesar da obra de Adalcinda ser conhecida pelo erotismo e pela presença da

⁸⁶ Pagina inútil. *Terra Imatura*. Ano: 1940.

⁸⁷ BARBOSA, Iris de Fátima Lima. *Versos modernos: a paisagem amazônica no imaginário poético de Adalcinda Camarão*. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2012. p. 106.

natureza amazônica, a inquietude e os questionamentos em torno da religião, mesmo que coadjuvantes, são permanentes na sua poesia.

Outra poeta presente nas revistas literárias foi Miriam Moraes, em geral, lembrada como filha de Raimundo Moraes, escritor e autor de diversos trabalhos sobre a Amazônia. Miriam esteve ao lado de Dulcinéa e Adalcinda entre os poetas modernos da região. Dentre estas, a repercussão bem como a produção de pesquisas sobre a escrita de Miriam são raras; tem-se pequenas notas, comentários, sobre seus poemas e sua trajetória. A tese de Salomão Larêdo discorre sobre o pai de Miriam e apresenta trechos de uma entrevista realizada com a sobrinha da poeta, Thereza Catharina, a qual ressalta sobre o caminho literário da tia:

“Sempre viveu à sombra do vovô, revisando os escritos dele, escrevendo para ele quando as forças lhe faltaram, no último livro. Foi uma vida venerando-o. Deixou de lado o talento de escrever. Foi uma grande poetisa e deixou-me os originais nunca publicados de um livro de belas poesias.”

Apesar de ter sido uma poeta do século XX, com seus escritos publicados na imprensa paraense, abdicou do cenário literário em prol da realização de seu pai. A seguir, um poema de Miriam veiculado na década de 40.

Dispersão

Amei muitos homens,
muitos, infinitos.
De todas as terras longinhas
vieram homens
para o meu amôr.
Cada um deles
levou parcela de minha alma.
E sulcavam minha vida de duvidas.
Uns pregavam o perdão
e eram profetas
de novas religiões.
Outros, de mãos iconoclastas,
semeiam o germe
da perpetua destruição.
Jesus, Nietzsche,
todos vós que numa idéa,
num pensamento,
numa atitude
me possuistes,
todos vós roubasteis
as emoções virgens
que eu guardava intáctas
para o homem vivo
que procurasse minha boca.
O homem de mãos frementes, labios vibrantes,
o homem que já encontrou
minha carne quasi morta
e nela o sulco

dos vossos beijos mortos⁸⁸.

Miriam Morais

O primeiro verso denota um eu-lírico que comunica seus prazeres pretéritos: “amei muitos homens”. Mas, logo em seguida, apresenta o desgaste entremeado, afinal, “cada um deles levou uma parcela de minha alma”. Ademais, semeiam dúvidas, perdão, destruição. As referências a Jesus e a Nietzsche são díspares e, segundo o eu-poético, poluíram suas emoções. Assim, a busca pelo amor é percebida de modo pessimista quando confrontada com influências externas; seja de uma figura religiosa ou filosófica. Nos versos finais, há o encontro com um homem “de mãos frementes, labios vibrantes”, contudo, o sujeito poético apresenta-se desolado pelas experiências anteriores, mesmo assim, escolhe se entregar.

Por fim, apresentamos um poema que foge desse espectro e acena para uma poética mais íntima e profunda das questões que pairavam na mentalidade de muitas mulheres; angústia, incompreensão, lamentos, de certo modo, espelham produções das décadas iniciais do século XX. Violeta Branca apresenta outra possibilidade poética ao inscrever em versos emoções de mulheres escamoteadas pelos preceitos morais. A poeta é nomeada na imprensa como “a vitória régia do Amazonas. É a poetisa inquieta”.

Desarmonia

Nasci para as ascensões,
 Para a gloria das alturas,
 Tenho o destino inquieto
 dos ventos, dos pássaros, dos relâmpagos.
 Sou luminosa,
 rápida,
 flexível.
 Minha angustia é conhecer distancias...
 Rondar...Pensar...
 Abrir caminhos e viver de todas as ancias.
 Tu és como um panorama sadio
 que só se ilumina á minha graça.
 E's vegetal robusto que só se move
 ao sopro da minha alegria.
 Ouro que só reluz
 ao contacto das minhas mãos.
 Mas que só se anima
 Ao presentir o clarão da minha chegada.
 Ha um infinito
 a torturar e a prender o teu desejo de subir.
 E's da terra.
 Eu nasci para a volupia das alturas,
 para viver

⁸⁸ Dispersão. *Terra Imatura*. Ano: 1940.

a luminosidade dos raios,
o desassossego dos ventos.
E's crepúsculo,
eu sou aurora...
E's silencio,
eu sou musica...⁸⁹
Violeta Branca

Em oposição ao poema anterior, “Desarmonia” é mais livre formalmente. O eu-lírico fala no feminino de modo ambicioso e desejoso por descobertas. Compara-se aos pássaros, ventos e relâmpagos, o que denota sua fugacidade e intensidade. Além disso, o sujeito poético estabelece um jogo de contrastes entre si e o interlocutor (que parece ser seu pretendente). Ele é terrestre, ela é aérea; ele é crepúsculo, ela é aurora; ele é quietude, ela é agitação: tais dualidades justificam a desarmonia e a impossibilidade de concretude de tal amor. Mais que isso, orientam para a liberdade de ser e sentir do eu-lírico.

O poema de Violeta se delinea a partir de elementos conflitantes e, para tal, a poeta explora a utilização de metáforas na construção tanto do sujeito poético quanto do interlocutor. A caracterização torna-se mais imagética, vivaz, assim, a poeta consegue materializar para o leitor as dissidências inerentes a tal encontro.

Virginia Woolf no artigo “Mulheres e ficção” discorre sobre as mulheres e sua produção ficcional. De imediato, questiona a ausência de uma produção contínua escrita por mulheres antes do século XVIII. Para a escritora inglesa, as leis e os costumes foram preponderantes para tamanha escassez. A autora também defende que a experiência exerce grande influência na produção literária, contudo, a maioria das mulheres eram excluídas de uma sociabilidade fora do ambiente doméstico. Esses fatores resvalam na escrita feminina, pois os valores que direcionam a produção de uma mulher estiveram enraizados na dimensão privada.

Ademais, Woolf atenta para a recepção crítica, realizada majoritariamente por homens, tidos como os “árbitros das convenções”. Portanto, adjetivos como fraca, banal e sentimental, foram imperativos acerca dos temas literários de autoria feminina. A escrita das mulheres estava atrelada à espontaneidade; não era ensinada, vinha do coração. Para Virginia, tal cenário só mudará quando as mulheres tiverem tempo livre, livros e um pequeno espaço. Nessa ambiência a literatura se tornará para elas, como para os homens, uma arte a ser estudada.

⁸⁹ Desarmonia. *Terra Imatura*. Ano: 1938.

Esse capítulo teve como norte tratar das problemáticas em torno da autoria feminina: restrições sociais, culturais, econômicas inerentes ao sexo, cerceamento educacional, adoção de pseudônimo e anonimato exemplificam os impasses para o exercício da escrita. A ascensão do movimento feminista e o crescimento dos periódicos, sem dúvidas, contribuíram para a maior inserção feminina no meio literário e jornalístico. E, mais que isso, possibilitou a projeção literária de muitas mulheres: angústias, alegrias, amores, compuseram os escritos e a assinatura feminina.

Capítulo 3 – Mulheres e o modernismo amazônico

3.1 – A assinatura feminina no modernismo amazônico

Antecedentes

Para entender sobre o modernismo amazônico faz-se necessário, ainda que de modo sumário, adentrar na *belle époque*. Aqui, iremos nos deter ao caso paraense. Desde a colonização, a Amazônia tem como pressuposto um território de disputa fronteiriça, econômica e cultural. Apesar da riqueza incutida na região é nítido o discurso das grandes capitais do Norte, Belém e Manaus, em mostrar ares de modernidade. Tem-se um esforço em romper com o imaginário associado à selvageria, ao primitivismo, à estagnação.

É incontestável que o ideal de progresso e civilidade foram assentados de modo profundamente excludente. No âmbito educacional, artístico, literário, político, a pujança financeira esteve voltada a uma diminuta parte da população, sobretudo, homens de elite. Além disso, no entresséculos amazônico delineia-se de modo mais intenso a cisão entre o homem e a natureza. Keith Thomas no livro *O homem e o mundo natural* discorre acerca dessa dualidade vivenciada anteriormente no mundo europeu.

Nos tempos da Renascença, a cidade fora sinônimo de civilidade, o campo de rudeza e rusticidade. Tirar os homens da floresta e encerrá-los numa cidade era o mesmo que civilizá-los. Como dizia um diálogo elisabetano, um fidalgo criado na cidade seria mais “civilizado” do que um educado no campo. A cidade era o berço do aprendizado, das boas maneiras, do gosto e da sofisticação. Era a arena da satisfação do homem⁹⁰.

Enquanto na Europa a transição do século XV para o XVI representou o advento dos *burgos*, no Brasil se iniciou o processo de exploração dos povos indígenas e sua floresta. No século XIX é mais expressivo, tanto na Europa quanto na Amazônia, o desordenamento socioespacial. No final do século XIX o Brasil passava por uma profunda transformação política; deixava de ser Monarquia para se tornar República. Nessa ambientação, a elite paraense viveu uma guinada econômica por meio da borracha, a qual era comprada pela indústria automobilística internacional. Segundo Ana Maria Daou, esse dinamismo econômico foi possível graças à navegação a vapor a

⁹⁰ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 290.

qual viabilizou o transporte de gêneros e bens de consumo e acarretou a vinda de pessoas, capitais e mercadorias, o que configurou para a elite um cenário de bonança⁹¹.

Assim, a *belle époque* amazônica buscou exprimir a modernidade para além dos traços arquitetônicos, acreditava-se em uma cultura e sociabilidade aos moldes europeus. O resultado desse louro financeiro foi imperativo na arquitetura central da cidade: Theatro da Paz, Cinema Olimpia, Praça da República, Praça Batista Campos, Bosque Rodrigues Alves, para mencionar alguns espaços criados no novo arranjo urbano. Grosso modo, a ideia dos políticos e da elite foi incutir uma sociedade voltada para uma civilização ilustrada e com vistas ao progresso socioeconômico. E isso foi possível também devido ao novo ordenamento político republicano o qual possibilitou maior descentralização administrativa.

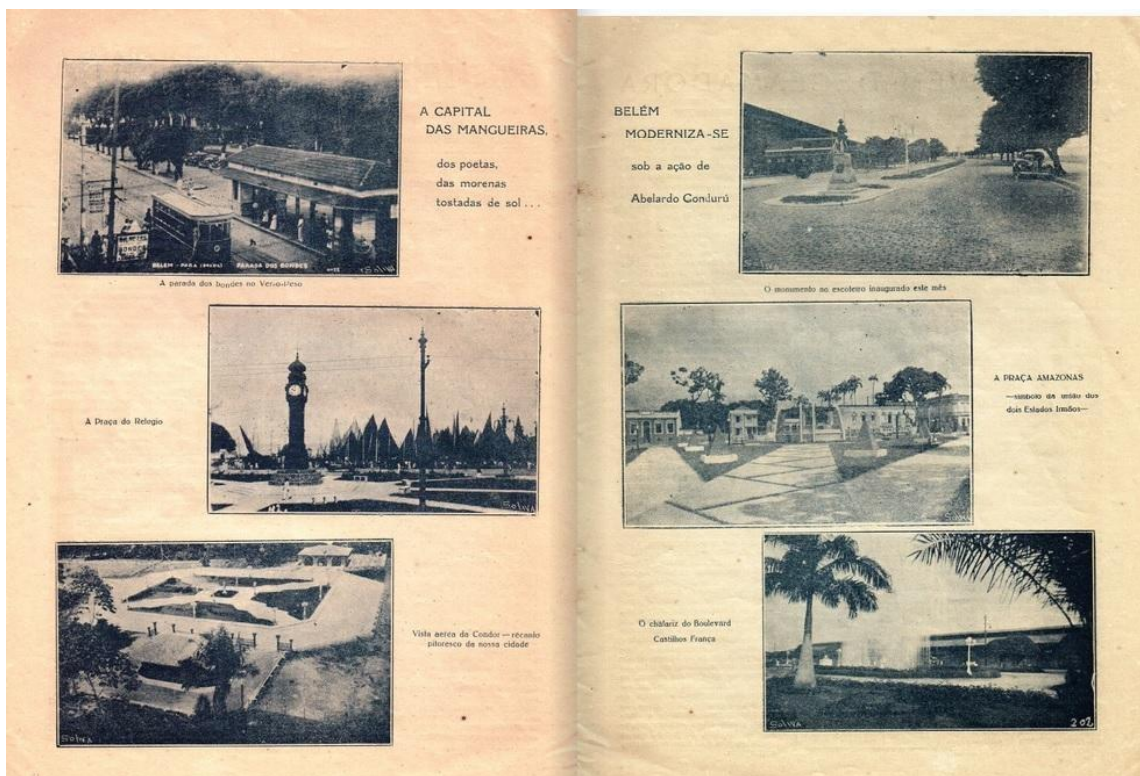


Figura 05: Terra Imatura – 1938.

⁹¹ “Para o barão de Marajó, um notável benefício promovido pela navegação foi a “melhoria dos costumes”; era surpreendente, comentava, a quantidade de pessoas que deixavam o Amazonas e o Pará para viajar pela Europa e o número daqueles que, vindo do Velho Continente, visitavam o norte do Brasil. Para o barão, era graças à navegação que numerosas crianças nascidas na Amazônia eram educadas no Rio de Janeiro, na França, em Portugal, na Alemanha e na Inglaterra. Os periódicos de Manaus e Belém sempre anunciavam a chegada ou a partida de filhos das famílias de renome para os estudos “fora””. DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque amazônica*. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 15.

As fotos presentes na revista *Terra Imatura* elucidam o panorama estético impulsionado pelas cidades afeitas aos pressupostos da *belle époque*. Urbanização, modernização e progresso entoaram os ideais de civilidade – claramente para uma parcela diminuta da população – fomentados na capital paraense. A representação de Belém na imprensa propaga uma prosperidade superficial tendo em vista ser de usufruto de poucos. Daou destaca a existência de praças ajardinadas, edifícios da administração pública, escolas, hospitais, asilos e cadeia que, em suma, funcionavam como controladores e restritivos às camadas pobres da sociedade paraense⁹².

A historiadora Maria de Nazaré Sarges⁹³ denota o ímpeto controlador e normativo imposto pelo intendente de Belém, Antonio Lemos, acerca da espacialidade urbana. Código de postura e higienização (no âmbito mais polissêmico que a palavra pode significar), por exemplo, tinham como finalidade a propagação dos “bons costumes” de modo punitivo, pois quem descumpria tais regras era penalizado com multa. Ou seja, além de aglutinar as benesses econômicas em apenas uma pequena parte da cidade, para uma pequena população, o governo alijou os moradores dessa ambiência.

A confluência entre a *belle époque paraense*, ansiada por políticos e pela elite paraense, e a ascensão do debate sobre a identidade nacional, foram estruturantes para a produção literária sobre o espaço amazônico. De um lado, a busca incessante por incutir na cidade de Belém uma feição modernidade e transformação urbanística. De outra perspectiva, buscou-se o resgate e a valorização das peculiaridades da Amazônia. Se hoje a tentativa é conciliar os dois mundos, no entresséculos o mundo natural e o urbano eram antagônicos.

Adalcinda Camarão, Elmira Lima e Ilná Pontes de Carvalho: imprensa, poesia, Amazônia

A espacialidade amazônica fez-se presente no modernismo canônico, contudo, nessas obras quem fala não é o sujeito amazônico. Assim, esse trabalho pretende reivindicar o lugar do modernismo amazônico no debate nacional. Até porque, sobretudo a partir do centenário da Semana de Arte Moderna, não há como tratar de apenas um modernismo. Hoje, a pluralidade é marca desse movimento; livros,

⁹² *Ibidem*. 24-33.

⁹³ SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. *Memórias do “velho” intendente: Antonio Lemos (1869 – 1973)*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 1998. p. 131-145.

exposições, debates, entoam as discussões sobre tal diversidade, muitas vezes, ofuscada pelo protagonismo paulista.

Assim, o modernismo amazônico nada mais é do que o movimento literário e artístico vivenciado no território amazônico. Se os homens letrados, a exemplo de Bruno de Menezes e Clóvis de Gusmão, não alcançaram tanta visibilidade, para as mulheres que se dedicaram a escrever, o percalço foi ainda mais controverso. Nesse contexto, a mulher enquanto intelectual e literata reivindicou seu espaço, contudo, não foi tarefa simples. Em 1904, o poeta e historiador da literatura José Eustacchio de Azevedo publicou *Anthologia Amazônica: poetas paraenses*, porém não há uma única mulher neste compêndio. Não, não é forçoso e muito menos anacrônico invocar tal ausência, afinal, a discussão sobre feminismo há décadas se fazia presente na imprensa e muitas mulheres já assinavam poemas e artigos.

Em meio a esse debate, a mulher moderna desponta, mas, afinal, o que se pensava, ou melhor, o que era veiculado sobre ela? A insatisfação das mulheres com o casamento e a ênfase no aumento de divórcios, paulatinamente, foram associadas ao desenvolvimento intelectual da mulher. Alguns dos pressupostos sobre o desassossego feminino encontram-se no trecho a seguir retirado do jornal *Folha do Norte*.

A mulher moderna

[...] A divisa da mulher moderna na America é a seguinte: poucos casamentos e o maximum de divorcios.

Está, pois, travada uma lucta contra o casamento. O desenvolvimento da mulher sob o ponto de vista intelectual, a extensão dos seus direitos, que aumenta dia a dia, e a sua ancia em desfructar as mesmas vantagens que o homem, são outras tantas armas vibradas contra a tradicional instituição.

O casamento, por certo, não acabará. Mas talvez no proximo seculo seja reformado, egualando-se os direitos do homem e da mulher, tanto juridica como politicamente.

É o que ha a esperar da propagando e do progresso, e não só para a Europa septentrional e para a America do Norte, mas para todo o Universo culto⁹⁴.

Muitas mulheres revisitaram suas trajetórias e se questionaram: é isso mesmo? Como posso mudar? O que devo fazer? O crescimento individual e a emancipação aos poucos tornaram-se uma possibilidade (sobretudo para as mulheres brancas, de família tradicional e com certo poder aquisitivo). O movimento feminista escancarou a insatisfação pessoal, por vezes, enclausurada na mais tenra intimidade. A organização

⁹⁴ A mulher moderna. *Folha do Norte*. Ano: 1896.

social esteve enraizada na opressão exercida por homens, para muitos, quase imperceptível já que a disparidade de tratamento entre os sexos era tida como a “natureza das coisas”. É preciso considerar que o advento da “mulher moderna” não foi homogêneo, tem-se um abismo socioeconômico entre as mulheres.

No início do século XX foi crescente a presença de mulheres no meio literário e jornalístico paraense. Tal fato dialoga com a discussão promovida pelo movimento sufragista e feminista, como vimos no capítulo anterior. Assim, ao revisitar os periódicos amazônicos do entresséculos, localizados na Biblioteca Nacional bem como na Biblioteca Pública Arthur Vianna, encontramos poemas que discorrem sobre a Amazônia. Não de uma perspectiva estrangeira, nem tampouco a partir do distanciamento nacional. Partem de mulheres, um território quase inaudito entre os estudos literários da referida temporalidade. Desse modo, conduzimos a análise levando em conta o dueto: gênero e espacialidade.

No que concerne à seleção de poemas buscamos a espacialidade amazônica como tema e, para tal, empreendemos um diálogo com a produção canônica modernista e os estudos teóricos sobre o modernismo brasileiro. Uma vertente explorada pelo grupo paulistano foi o primitivismo. Exemplo disso é a obra “Abaporu” de Tarsila, o “Manifesto Pau-Brasil” de Oswald de Andrade e *Macunaíma* de Mário de Andrade. Até então, a manifestação artística brasileira, em grande medida, negligenciava a herança indígena e negra do repertório cultural. Ainda que se observe representações artísticas – a exemplo da pintura “A negra” de Tarsila” – foi a partir da década de 20 que se buscou superar uma visão cultural reprodutora dos moldes europeus. No que concerne ao trato literário, a violação da linguagem e a aproximação da escrita com a oralidade, foram preponderantes entre os modernistas.

Adalcinda Camarão, Elmira Lima e Ilná Pontes de Carvalho entoaram uma poética acerca da Amazônia veiculada na imprensa paraense. Assim, os poemas de autoria feminina elencados nesse tópico destoam do estereótipo do “bello sexo”. Ilná tem como tema o Círio de Nazaré, uma festa de matriz católica e que também expressa fortes traços amazônicos. Elmira Lima apresenta dois poemas em que o animismo delineia a força do espaço amazônico. E, por fim, Adalcinda associa o sol com o caboclo.

O poema de Ilná, intitulado “A festa de Nazaré”, está presente na edição de outubro da revista *Terra Imatura*, pois é o mês em que se celebra o Círio de Nazaré. Nossa Senhora de Nazaré é tida como a padroeira da Amazônia. Apesar do poema não

tratar de modo detido ao espaço amazônico, evoca a religiosidade católica da região Norte incutida a partir da colonização portuguesa. Trata-se de um poema longo com dezesseis estrofes, portanto, para analisá-lo iremos reproduzir algumas estrofes.

O poema começa com o clássico início de conto de fadas: era uma vez. Trata-se de um poema narrativo, logo na primeira estrofe sabemos que o narrador não é um residente da cidade de Belém que relata sobre a festa religiosa e, sim, um português. Iná associa-o à bravura em decorrência da navegação: “Era uma vez... / conta a tradição, / uns bravos portugueses que por mares / ignotos se arrojaram [...]”

A poeta, na terceira e quarta estrofes, demarca o perigo de tal empreendimento e faz uso de adjetivos, ou melhor, recorre ao animismo: “aguas revoltas / horríveis temporais / angustias mortais”. Só a partir da sétima e oitava estrofe que a Virgem de Nazaré emerge, até então, o tema central era a dificuldade da viagem e as virtudes dos portugueses.

[...] Perdidos! Mas num impeto de fé,
nessa hora em que o perigo a vida inferna,
os salva a frase augusta sempiterna:
<<Valha-nos a Virgem de Nazaré!>>

Nêsse instante, entre nuvens côr-de-rosa,
vêm a imagem da Virgem Milagrosa,
e um bote emerge a flôr das crespas vagas...
Cessa o temporal, o céu se aclara,
o novo dia nasce em paraenses plagas,
e à Ermida da Santa Poderosa
levam aos hombros o bote que os salvará⁹⁵!...[...]

A fé surge como refúgio ao cenário hostil e, então, a Virgem de Nazaré é invocada. A santa cessa as intempéries e, em decorrência de tal feito, os portugueses são salvos. Nas estrofes seguintes, tem-se uma descrição do Círio: novenas, os arcos de Nazaré, o largo de Nazaré, iluminação das ruas, as barraquinhas de brinquedos e comidas inerentes a tal festividade. Até hoje todos esses elementos encontram-se presentes na celebração do Círio, tanto que é conhecido como o “natal dos paraenses”. Iná conseguiu captar a atmosfera vivenciada em outubro na capital paraense. Por fim, na décima segunda estrofe o narrador figura na primeira pessoa e dirige um clamor à Virgem de Nazaré:

E com o fervor que a saudade suscita,
aos céos elevo a minha voz contrita:

⁹⁵ A Festa de Nazaré. *Terra Imatura*. Ano:1938.

Virgem de Nazaré! Imaculado
 Coração de Bondade e Graças pleno!
 Esperança e Consolo do culpado,
 Amparo do infeliz e do pequeno! [...]

Lança a nós Tuas Bençãos piedosas
 para que em nosso peito se condense
 a verdade e ações dalmas generosas!

E extremo Teu Amôr constante incense
 dos aromas de crenças fervorosas,
 o coração do povo paraense!⁹⁶

Depois de apresentar essa breve análise, vale salientar que na tradição local a imagem de Nossa Senhora de Nazaré não está vinculada aos portugueses. E, sim, ao caboclo Plácido que “encontrou”, no final do século XVII, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Segundo Raymundo Maués, as promessas dirigidas à Virgem de Nazaré são de natureza diversa, porém, a santa muitas vezes é invocada por pescadores que se encontram em perigo⁹⁷. Assim, ocorre algo controverso, Ilná poetiza a partir do olhar estrangeiro

Diferentemente de Ilná, o poema de Adalcinda é curto, com quatro estrofes. Adalcinda Camarão desde muito cedo (aos 16 anos) teve sua poesia publicada em revistas literárias, a exemplo da *Guajarina*. Logo depois passou a compor o corpo editorial⁹⁸. No que concerne a uma análise da revista, é válido ressaltar que o corpus basicamente abarcava textos literários, discussões culturais e, claro, propagandas. Contudo, o destaque está no design da revista: fotografia, ilustrações, desenhos e a própria organização entre texto e imagem transmitia a distinção entre a imprensa tradicional. É válido reiterar que a ruptura é mais perceptível na forma. Apesar de propor uma nova configuração estilística, as ideias contidas não são tão modernas como a aparência, em um primeiro momento, suscita.

⁹⁶ *Ibidem*.

⁹⁷ MAUÉS, Raymundo Herald. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. In: *Estudos Avançados* 19 (53), 2005. p. 259-274.

⁹⁸ BARBOSA, Iris de Fátima Lima. *Versos modernos...A paisagem amazônica no imaginário poético de Adalcinda Camarão*. Dissertação de Mestrado do curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará. 2012. p. 89.

Dr. LAURO RODRE FILHO
Especialista em
Tratamento e operação dos queixas nos olhos,
nariz, garganta, ouvido e tubarão.
Rua - Telegrapho - Beneficência São
Certo de clínica oftalmológica-lacrimal do Santa Casa
de Beneficência do Rio
de Janeiro - Rua Visconde de Albuquerque nº 12
Especialista em
Operações de Orelha, Nariz e Garganta
CARVALHO
Rua Campos Sales, 12 (Canto de João Alfredo), alto
do Corcovado - Beneficência São
Certo - Telefone - 2000 - Beneficência São
Certo - Beneficência São - Beneficência São - Beneficência São

CASA Guarantia
Empréstimo sob palavra
de joias de qualquer valor
Compra brilhantes e outras pedras
preciosas, ouro, prata, qualquer
qualidade.
4 - Rua Padre Prudente - 4
End. Telogr - EMERANDE

Atenção
A Oficina Electrica Italiana
de Agostinho Pansuti
É a única que trabalha e presta pela medida
e mais aperfeiçoado sistema, qualquer
objeto de metal, quanto ao ferro,
propriedade a dióxido e a parte benéficas.
Rua Manoel Barata 120 - Pará

LIVRARIA INTERNACIONAL
12 - Praça Visconde de Itaboraé - 12
Telegrapho - Beneficência
Cidades (Bairros) Rio de Janeiro
Completos catálogos de artigos para escritores
Fabricas de livros em belotas, Livros
Estantes e Belizinhos.
VEMDE A DETALHES POR ATACADO
Carlos Barboza & Braz, Ltda.
Telephone, 3701 - Biscoi-Paul-Biscoi

Dr. FERREIRA DE LEMOS
CLÍNICA ESPECIAL
de olhos, garganta, nariz e ouvidos
BENEFICÊNCIA
Trav. J. Mathews, 106 - Phone, 800
CONSULTÓRIO:
Altos da Casa Carvalhos - Phone, 1404

Queréis tirar uma photo-
graphia bonita e perfeita?
Procure a
Photographia Carvalho
202
Raymundo Carvalho
Rua Santa Antônia, 56
PHONE 1540
Modicidade nos Preços

VICENTE ARAUJO
DESPACHANTE
Serviço de cópia, rubrica e selar
casas, terrenos e heranças
— diário a outras comodidades.
Escr. - Rua do Meio, 115 - Phone, 1119
— Resid. - Barboza, 10 - Tel. 1021

Pasta S. S. White
A melhor de todas fabricada pela
maior fabrica de artigos dentarios
do mundo.
Dr. Francisco M. Vasquez
Rua Santo Antonio, 14
PHONE 1189
CASA WHITE

Dr. WALDEMAR RIBEIRO
MEDICO DENTARIO
Aceita chamados e atende consulen-
tes em seu gabinete á
Rua do Meio, 115 - Phone, 1119
— NOS ALTOS DA -
PHARMACIA RIOS

Cadernetas em dia!
Fé na sorte!
— É o primeiro a ser publicado por todos os departamentos da
Estado do Rio de Janeiro e do Estado do Rio de Janeiro, que seja
completamente gratuito em termos de publicação e distribuição
gratuita.
Inscrição gratuita
— É o primeiro a ser publicado por todos os departamentos da
Estado do Rio de Janeiro e do Estado do Rio de Janeiro, que seja
completamente gratuito em termos de publicação e distribuição
gratuita.
Assistência medica
— É o primeiro a ser publicado por todos os departamentos da
Estado do Rio de Janeiro e do Estado do Rio de Janeiro, que seja
completamente gratuito em termos de publicação e distribuição
gratuita.
SOCIETY DO RIO DE JANEIRO, DO RIO DE JANEIRO E DO RIO DE JANEIRO

Guajarina
Revista Mensal de Arte e Literatura
Redação e Oficinas: Princesa - Rua Santa Antônia 56 - Telefone, 1540

LI, vão já al-
sados, um jornal
deu, seja, tira com
mudada, de lutejadas
de musica do Corpo de
passado Europe, os tons
sica claudet em vez do
languidas, as milhãas e
meiro logar, e
convida o pul-
sa

Prostituição da Arte

de arranj, mas, para rancor. Ora, conser-
to a DA Nel
dei o queja
mucos, seria
batida pedras que
publico. Cincaino
professor daquela
nãe e somem para oc
cor com cases de ar
cul, antigas intetico,
cloro, mal cotroses
do, Na banda do cor
cultiva-se a arte, es
sica de verdade. Se
apparece que se
para a evidẽno. O
das representaçã
sons aditico, ca
esta tristissima
mãge contra a
de, em favor de
trãgo, sem
arte, sem sem
inspiraçã o
lançaria pr
ros de cada
alvãde, pa
lar, o não
cinãto o
fãrio e
A. é o musico apokãonado de sua bellissima
arte, — a mais expressiva das artes, terro
poria do banda o Guarany para exibir
«Vãmo apãkar lãto, ó João», os mandãto Wãl-
rã à lava, para sabãndã a pelo. «Abreã a corãeãra»
É o musico, é mais de acimar o que, entre pãto que se lava,
na impressã, appareãto essas esqãndes de esqãntica phãtica,
de consãno ao que
forãno o que esta
V.

Figura 06: Recorte da revista *Guajarina* - 1930.

Exemplo disso é a própria edição na qual o poema “Pôr de sol caboclo” está presente. Na capa da revista⁹⁹ figura a “Senhorinha Adelia Paraguassú Frazão, distinta professora normalista e dilecta princezinha encantadora do lar honrado do sr. Carlos Frazão, seu desvelado genitor.” Ainda que denote o ofício de professora, a mulher em questão está associada ao homem, no caso, o pai. Em contrapartida, *Guajarina* apresenta uma seção intitulada “Página Feminina” a qual continha textos e poemas escritos por mulheres. O enfoque em delimitar uma página da literatura feminina expressa a mudança de mentalidade em relação à mulher. Esse é um dos exemplos controversos acerca da condição feminina.

⁹⁹ *Guajarina*. Ano: 1930.

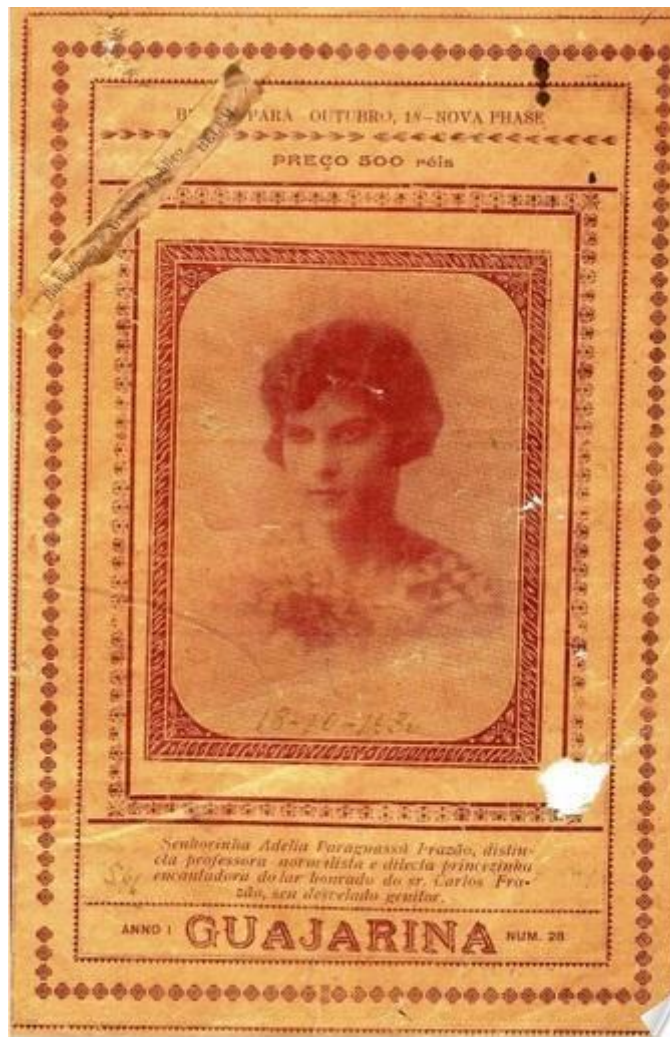


Figura 07: Capa da revista *Guajarina* – 1930

Com relação ao poema “Pôr de sol caboclo” tem-se um forte caráter descritivo acerca da natureza amazônica, ou melhor dizendo, considera a floresta, o sol, as águas detentoras de uma “alma”. O encadeamento do poema é um tanto confuso, na primeira estrofe detém-se à mata: “A matta cheira a baunilha / Do banho do Sol da tarde. / E agora pouco a pouco adormecendo, – / Solta a verde cabelleira longa / Aos afagos da brisa.” Enquanto na segunda, retrata o sol consternado e ao final emerge a figura do caboclo: “E ante o altar entristecido do poente / A alma do caboclo se ajoelha, em genuflexão.”

Depois da reverência do caboclo, o pôr do sol finda e, então, na última estrofe, Adalcinda mobiliza uma fusão de elementos: religião, animal (ave Uirapuru), território e fruta. Ao final, a poeta parece recriar outro poema com tamanho enaltecimento a “Terra cabocla”.

Ave Maria! – as aguas balbuciam.
 Cheia de graça! – a matta vae rezando.
 E o Uyrapúrú solfeja, triste,
 Como a tristeza doce de um violão: –
 Bendita sejas tu, – Terra cabocla,
 Entre todas as terras verdes do Brasil
 E bendita é a fructa saborosa –
 Que do teu ventre nos infunde valor: –
 O assahy.

Adalcinda Magno Camarão¹⁰⁰

A próxima poeta a ser apresentada é Elmira Lima, nascida no Amazonas, mas tendo se mudado, ainda jovem, para Belém. Foi poeta e jornalista. Segundo Luzia Álvares, a autora fez parte de uma militância de letradas em prol do sufrágio feminino¹⁰¹. Elmira era seguidora da doutrina Kardecista com livros publicados com o tema da espiritualidade: *O livro d'alma*, *Ritmos em Luz* e *Seara de Jesus* são exemplos.

Contudo, os poemas elencados de Elmira não se encontram nesses livros e, portanto, seguem a premissa deste capítulo; entrelaçar gênero e espacialidade no trato poético. Ao pesquisar na Biblioteca Nacional e na seção de obras raras da Biblioteca Pública Arthur Vianna, encontramos dois poemas: “Minha Terra” e “Téla amazônica”. Em “Minha Terra”, o sujeito poético inicia o poema retratando a floresta e, na estrofe seguinte, fala sobre o Rio Negro. E nas últimas estrofes concentra-se nos encantamentos do Amazonas.

Minha terra

Na proliferação fecunda da floresta,
 no seio férte e humido da matta,
 se ergue uma tába, virginal, de vesta
 - terra Amazonas, que o meu ser retrata!

O Rio Negro, borbulhante em festa,
 desfaz-se em níveos turbilhões de prata;
 e em beijos floreatos os Barés requesta,
 preso aos encantos que Manáos desata...

Encantamentos do Amazonas, tenho
 nos seios d'alma em porfiado empenho
 de me lembrar os tempos de creança.

Nos densos bosques desse mundo novo,
 cheia de sonho, altivo, do meu povo,
 crio a margem verde da Esperança!...

Elmira Lima¹⁰²

¹⁰⁰ Pôr de sol caboclo. *Guajarina*. Ano: 1930.

¹⁰¹ ÁLVARES, Maria Luzia. Histórias, saberes e práticas: os estudos sobre mulheres entre as paraenses. *Revista do NUFEN*, v. 2, n. 1, p. 105-133, 2010.

¹⁰² Minha terra. *Amazônia Brasileira*. Ano: 1930.

No poema “Téla amazônica” tem-se um caráter mais abrangente acerca do espaço amazônico. O eu-lírico manifesta o cotidiano da floresta, por isso a presença do sol é inicial na construção do poema: “Amanhece. Da luz o rosco cortinado / envolve a terra, o céu, as nuvens transparentes; / e, em rubras gradações, se alteia no ar parado / um arco triumphal de laminas luzentes.” A estrofe seguinte insere um pouco da vida animal na poética: “acorda a ave primeira; e um ninho despertado / - é o toque d’alvorada aos passaros dormentes.” Na terceira e quarta estrofe é mais nítida a expressão de uma ambiência selvagem:

[...] Fulva maracajá, a fauce escancarando,
mostra os dentes hostis a uma cotia brava,
que se furta veloz na rapida carreira;

e na margem do rio intumecido e brando,
suspende a uma raiz que a correnteza lava,
ágil sucurijú enrosca-se traiçoeira¹⁰³.

Elmira poetiza de modo imagético, inicialmente, tem-se o enfrentamento do gato-maracajá e uma cotia que logo foge. Depois, o cenário é o rio e a presença de uma cobra enroscada em uma raiz. Tais versos enveredam por uma representação pitoresca, insere o leitor em uma natureza quase intocada, ou melhor, distante da “civilização”. A poeta reforça o *ethos* amazônico a partir de sua grandeza: a natureza.

Adalcinda, Elmira e Ilná inovaram na temática e na singularidade apresentada no trato do espaço amazônico. Ampliaram a interpretação sobre a Amazônia e inscreveram a assinatura feminina no modernismo amazônico.

3.2 – *Terra Verde*: Eneida diante do modernismo

Dentre as poetisas pesquisadas na imprensa paraense do entresséculos, sem dúvida, Eneida se destaca tanto pela sua escrita como pela sua biografia. O mundo das letras desdobrou-se na pluralidade de seus ofícios: escritora, tradutora, jornalista e militante. O período da pesquisa não abrange sua fase mais aguerrida de críticas sociais. Seu primeiro livro, *Terra Verde*, é o enfoque da pesquisa, pois discorre sobre diversos elementos da cultura amazônica. Depois de lançar sua obra inaugural, Eneida muda de vida: divórcio, afastamento dos filhos e mudança de cidade.

Para as pesquisadoras Eunice dos Santos e Lilian Ribeiro, essa transformação se deu “em nome do ativismo político e da militância jornalístico-literária”. Podemos ir um pouco além e pensar na influência cultural e na efervescência de escritos de autoria

¹⁰³ Téla amazônica. *Anuario de Belem*. Ano: 1915.

feminina na imprensa e na própria literatura. Maria Firmina, Júlia Lopes de Almeida, Carolina Nabuco, dentre tantas mulheres povoaram, inspiraram e libertaram o imaginário feminino de muitas amarras patriarcais.

Eneida publicou seu primeiro livro aos 25 anos, em 1929, pela editora Globo. A obra intitula-se *Terra Verde: versos amazônicos*, reúne uma pequena coletânea de 26 poemas majoritariamente relacionados à região Norte. Os versos amazônicos desvelam, evocam e convidam o leitor a compreender o Brasil a partir do Norte. É válido ressaltar que somente em 2020, graças ao esforço acadêmico dos docentes Flávio Nassar, Luzia Álvares e Vânia Alvarez, bem como do político (atual prefeito de Belém) Edmilson Rodrigues, tem-se uma segunda edição. Esse aspecto exógeno à obra exprime os impasses envoltos no fazer literário.

A inclusão dessa obra amplia o paradigma da literatura nacional associado ao modernismo. Assim, incorporar a poesia de Eneida não tem como intento relativizar a contribuição do movimento, mas agregar novas perspectivas, aqui de gênero e espaço, inculcadas nessa temporalidade. Ademais, é emblemático e singular cavoucar a escrita de autoria feminina acerca da Amazônia.

Depois de lançar sua obra inaugural, Eneida muda de vida: divórcio, afastamento dos filhos e mudança de cidade. Para as pesquisadoras Eunice dos Santos e Lilian Ribeiro, essa transformação se deu “em nome do ativismo político e da militância jornalístico-literária¹⁰⁴”. Podemos ir um pouco além e pensar na influência cultural e na efervescência de escritos de autoria feminina na imprensa e na própria literatura. Maria Firmina, Júlia Lopes de Almeida, Carolina Nabuco, dentre tantas mulheres, povoaram, inspiraram e libertaram o imaginário feminino de muitas amarras patriarcais.

Assim, o início do século XX é emblemático no que se refere à modernidade e aos valores da sociedade burguesa. A década de 20 marca a experimentação de um mundo urbano consolidado, ao mesmo tempo, tal fato não impediu a produção de críticas sociais e a busca incessante em elaborar uma arte genuinamente nacional. Foi a partir da década de 20 que se construiu um esforço coletivo em refletir e produzir sobre a brasilidade.

Pesquisar sobre a produção literária feminina do começo do século XX sobre a Amazônia pode soar uma tarefa pueril, tamanha especificidade. Ao nos depararmos com as obras *Macunaíma* de Mário de Andrade e *Cobra Norato* de Raul Bopp encontramos

¹⁰⁴ SANTOS, Lilian dos; FERREIRA, Eunice. Eneida de Moraes: escritura política y autobiográfica. In: *Revista académica liLETRAd*, 1. p. 97-105. (2015)

elementos amazônicos e a libertação no trato do primitivismo nacional. Afinal, os antecessores dos modernistas abordaram a questão nacional sob o prisma do ufanismo e da romantização da colonização. Por isso, reitero a disrupção no trato da espacialidade amazônica.

Cem anos depois tem-se inúmeras publicações, problematizações e críticas acerca do projeto modernista brasileiro. Contudo, é inegável o legado dos modernistas em repensar a função da arte, reelaborar a linguagem, romper com o passado colonial e valorizar a cultura nacional. Terry Eagleton atenta que as obras literárias, a todo momento, são “reescritas” por novos grupos, daí advém a força da literatura e sua instabilidade para qualquer tentativa de classificação.

O revisionismo acerca da produção literária do modernismo desvela a instabilidade da literatura e elucida as dificuldades inerentes ao gênero e à espacialidade para a publicação e a divulgação. Uma crítica recorrente na contemporaneidade está no questionamento do que é passível de ser considerado nacional ou não. Em geral, obras da região Norte e Nordeste são tidas como regionais, enquanto o Sudeste assume o protagonismo nacional. Tempo, espaço, sociedade e poder contribuem para determinada literatura ser considerada digna de valor ou não.

Para Antoine Compagnon, a crítica literária se encarrega de apreender o discurso presente nas obras literárias, ou seja, avalia o texto em si¹⁰⁵. Além disso, o público também estabelece o que é tido como valoroso, logo, o cânone – ainda que lentamente – também se transforma. A Estética da Recepção também se preocupa em investigar como uma obra literária foi compreendida no contexto da sua publicação e como ela é interpretada anos depois. Miriam Zapone apresenta a perspectiva de Hans Robert Jauss sobre as variações analíticas suscitadas ao longo do tempo: “[...] às vezes, o valor de uma obra não é percebido no momento de sua recepção inicial, já que a distância estética entre o horizonte de expectativa da obra e do público é muito grande e, talvez, seja necessário um longo processo de recepção para que a obra venha a ser compreendida¹⁰⁶.”

No caso de *Terra Verde*, o impasse encontra-se, sobretudo, na veiculação. Tendo em vista que tal livro se manteve por mais de noventa anos nos porões literários. Para os

¹⁰⁵ COMPAGNON, Antoine. O que restou de nossos amores? In: *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 1ª reimpressão – Belo Horizonte: UFMG, 2001.

¹⁰⁶ ZAPPONE, Miriam Hisae Yaegashi. Estética da Recepção. In: *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Organização: Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3ª edição (revista e ampliada). Maringá: Eduem, 2009. p. 161.

estudos feministas, é substancial essa leitura extrínseca à obra. Nesta pesquisa consideramos substancial percorrer, ainda que minimamente, nos meandros em ser uma mulher do Norte no início do século XX antes de adentrar nos versos de Eneida. Apesar de tamanha problemática, a escritora não se acanha na autocrítica de sua obra inaugural. O trecho da entrevista abaixo foi realizado em 1967 à Divisão de Patrimônio e Documentação da Fundação Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro. Dalcídio Jurandir, poeta paraense, inquiriu Eneida sobre a vida literária da escritora no Pará. :

Então fiz um livro chamado *Terra Verde*. É de doer! Mas se alguém me pergunta se tenho vergonha desse livro, eu afirmo: absolutamente! É um livro de menina, é um livro de uma pessoa inexperiente, uma boboca, uma pessoa que não tem nada. Hoje se pode exigir de mim pelo menos a alfabetização, mas naquele tempo ninguém podia exigir nada. Eu era uma menina¹⁰⁷.

É de fato singular o modo como a autora encara sua primeira publicação. Apesar de sua asserção, é válido adentrar nas especificidades da narrativa de Eneida para entendermos como tal produção literária dialoga com seus pares. A modernidade incutiu a superstição da novidade que, em suma, esteve associada à ideia de progresso. Oswald de Andrade é lembrado por incutir uma linguagem radical e promover a libertação da língua. O poeta prestava atenção à linguagem corriqueira e isto era adotado em sua poética. Sua literatura não se destaca tão somente na busca por exotismos. Oswald se interessava em estremecer o paradigma literário e alicerçar uma revolução tecnológica dos dogmas da linguagem.

Quanto à temática, Eneida se aproxima do ordinário intrínseco ao *lócus* amazônico. Além disso, adota o verso livre tal qual os poetas do cânone modernista. A ruptura consonante entre Eneida e Oswald foi não mais conceber a poesia de modo contemplativo e alheio à realidade. No "Manifesto da Poesia Pau-Brasil", Oswald apresenta dois movimentos: destruição e construção – e não tão somente destruição como muitos postulavam. Para Oswald, o regional e o universal deviam estar em constante diálogo, isso denota uma poesia reflexiva e questionadora das balizas culturais da jovem nação republicana. Já Eneida inaugura sua poética a partir de duas atitudes: apresentar e reivindicar o lugar da Amazônia no repertório nacional. No poema “Deslumbramentos Tocantinos” é nítido esse duplo movimento.

[...]... diante das terras férteis e verdes do Tocantins,

¹⁰⁷ AKEL FARES, Josebel; NUNES, Paulo. Do desejo e da necessidade, o início da conversa. In: MORAES, Eneida de. *Terra Verde*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2020. p. 6.

terras onde as palmeiras de braços abertos, invocam para o céu,
 uma esperança e um futuro.
 Terras onde o cacau, a castanha, o babaçu, a borracha,
 nascem, progridem e procuram engrandecer a Terra esquecida
 que é o Pará
 ...diante do caboclo sereno como as águas tocantinas,
 dócil como o pequeno casco que o leva a caminhar dias e
 noites, noites e dias,
 pelos rios intermináveis,
 o caboclo que é o mais destemido, o mais ultrajado, o mais
 desprezado homem do Brasil¹⁰⁸.

A poética de Eneida ressalta a perspectiva amazônica: lendas, animismo, romantismo e ufanismo perpassam os versos. Segundo Aldrin Figueiredo, a região amazônica está circunscrita a um outro domínio do tempo, com balizas marcadas pela natureza e não pela história¹⁰⁹. A narrativa e a representação construída sobre a Amazônia foram marcadas pelo imaginário de um espaço longínquo, à margem da civilidade. O antagonismo delineou os escritos sobre a região; para alguns, tida como o futuro da nação, para outros, um cenário obsoleto, porém representativo do primitivismo nacional. Mário Brito, no livro *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*, destaca o começo do século XX como “uma época nova à espera também de uma arte nova, que exprima a saga desses tempos e do porvir¹¹⁰.”

De modo geral, a palavra “moderno” é associada à ideia de aceleração do tempo, da história, que pode ser entendida como uma realidade ou ilusão. A partir de tal aceção, as balizas artísticas e literárias também transmutam. Daí rebenta uma estética que admite o excêntrico, o extravagante, deixado de lado pela tradição. Compagnon demarca a distinção entre modernidade e vanguarda. A última é dogmática, formula uma consciência histórica de futuro e o desejo de avançar. Enquanto a primeira está fincada no presente. Nesse debate incorre um desejo caro ao entresséculos: a busca por uma civilização aos moldes europeus. No poema “Alma Cabocla”, o caboclo Josino simboliza a dicotomia entre o incivilizado e o ilustrado.

[...] O mundo inteiro se maravilhou diante de Josino,
 Josino, caboclo e pescador que nada temendo, salvou a vida de
 dois heróis.
 Homem do Norte,

¹⁰⁸ MORAES, Eneida de. *Terra Verde*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2020. p. 43.

¹⁰⁹ FIGUEIREDO, Aldrin de. Outras margens, outros centros: o modernismo brasileiro a partir da Amazônia. In: *Moderno onde? Moderno quando? A Semana de 22 como motivação*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2021. p. 55-64.

¹¹⁰ BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 4. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974. p. 28.

na firmeza de seu caráter,
na lealdade de seu coração,
sem conhecer a civilização (sinônimo de egoísmo e vaidade),
na simplicidade de seu viver e de seu sentir,
não desejou pagamento ao seu heroísmo
porque não tem preço a sua bravura.
O mundo sorriu com espanto:
- “Ainda há gente desinteressada sobre a terra?”
É que esse mundo civilizado não te conhece
alma cabocla.
Não sabe que ser destemido é próprio de teu eu¹¹¹! [...]

Josino alude a cultura nortista vinculada à bravura. Nesse sentido, Eneida apresenta a identidade amazônica por um prisma não mais autobiográfico. O leitor opera como andarilho de uma ambiência que, em suma, foi retratada por estrangeiros nos diários de viajantes. Na obra *Terra Verde*, a escritora estabelece contrapontos e denota a abundância incutida na cultura amazônica: caboclo, muiiraquitã, lendas e banho de cheiro conformam a tessitura de uma região que para Eneida deveria ser explorada (no sentido artístico e não predatório) e incluída no repertório nacional.

Lição de Geografia

[...] Meu filho, o Brasil do Norte
ainda é tão desconhecido por nós todos...
É tão grande, tão rico de luz, de cor, de harmonia!
Se o Brasil do Sul é uma glória,
o Brasil do Norte é a esperança verde e linda de todos nós!...
É a maravilha de todo o nosso imenso País¹¹²!”

Enquanto Eneida afirma a importância de uma cidade, Carlos Drummond no minúsculo poema "Bahia", presente no livro *Alguma poesia*, nos diz o seguinte: “É preciso fazer um poema sobre a Bahia... / Mas eu nunca fui lá¹¹³.”. O eu-lírico apresenta em um tom inocente e, de certo modo, até cômico, enquanto no poema "Lição de geografia" alude ao obscurantismo acerca da região Norte. Assim, em vários poemas, o eu-lírico de *Terra Verde* busca apresentar as idiossincrasias amazônicas.

“Banho de Cheiro
Banhos de cheiro da minha terra...
A felicidade que custa 5\$000...
As folhas verdes que nos podem dar
aquilo que o destino nos negou...
“A Felicidade...
A Felicidade que a mulata Sabá vende no mercado...
Banhos de cheiro do Pará¹¹⁴”.

¹¹¹ MORAES, Eneida de. *Terra Verde*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2020. p. 78.

¹¹² *Ibidem*. p. 38

¹¹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. Posfácio: Eucanaã Ferraz. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 29.

¹¹⁴ MORAES, Eneida de. *Terra Verde*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2020. p. 33



Figura 08: Banho de cheiro do Ver-o-Peso
Fonte: Reprodução / Globo.com

Mesmo depois de quase um século, a tradição do banho de cheiro ainda permanece, sobretudo, como um rito nas festas de final de ano. Assim, às vésperas do último dia do ano, o lugar é marcado por um passeio, sobretudo, no mercado do ver-o- peso a fim de garantir boa sorte para o próximo ano. Amor, dinheiro e saúde estão entre os desejos mais fomentados, afinal, é melhor garantir um pouco de cada. Para um paraense, é inevitável não lembrar da Beth cheirosinha e da Dona Coló, referências na comercialização de ervas da maior feira livre da América Latina. Essas mulheres povoam o imaginário de tal prática e facilmente representam a mulata mencionada no poema.



Figura 09: Beth Cheirosinha
Fonte: Reprodução / Uol.com



Figura 10: Dona Coló
Fonte: Reprodução / Globo.com

O poema salienta a crença no destino e, ao mesmo tempo, denota que o banho de cheiro é capaz de mudar o porvir. “O que o destino negou” passa a ser encarregado pelas ervas medicinais. Assim, a ideia de livre-arbítrio, atrelada à religião cristã, é desconsiderada. Ao passo que, no poema abaixo intitulado “De junho”, o eu-lírico

associa a festa de São João ao preparo do banho de cheiro. A intencionalidade é a mesma das festas de final de ano: atrair felicidade, a ideia de “abrir caminhos” para o que de melhor a vida possa oferecer.

De Junho

II

[...] S. João...

S. João...

Fogueiras, balões, bichas, foguetinhos, mungunzás...

A nossa alma,

- eterna criança! -

à espera da felicidade

que S. João promete todos os anos,

no banho de cheiro...¹¹⁵”

O sincretismo aqui também reverbera no entrelaçamento da cultura cristã católica com a utilização das ervas amazônicas oriundas da tradição dos povos indígenas.

Açaí

“Quem vai ao Pará: - parou!

Tomou açaí: - ficou!”

[...] Está pronto o açaí.

A bandeirinha vermelha

posta na porta,

anuncia aos gulosos que o açaí

vende-se ali...

“...Tomou açaí: - ficou!¹¹⁶”

¹¹⁵ *Ibidem.* p. 58-59.

¹¹⁶ *Ibidem.* p. 39-40.



Figura 11: Placa de açaí

Fonte: Acervo pessoal

Eneida poetiza sobre a principal fruta do Estado do Pará. Em algumas famílias do interior, é consumida diariamente. No que concerne à comercialização, até hoje, as bandeiras vermelhas mantêm-se nas lojas que vendem açaí. Para além da importância alimentícia, tal poema ecoa no imaginário cultural e popular paraense, pois o cantor Pinduca, também conhecido como o rei do Carimbó, musicou os primeiros versos: “Quem vai ao Pará: - parou! / Tomou açaí: - ficou!”.

O poema a seguir descreve a importância da pedra verde, para os povos indígenas. O que temos de referência nacional acerca do Muiraquitã está presente na obra *Macunaíma* de Mário de Andrade. O livro menciona 31 vezes acerca da pedra. Macunaíma ganhou Muiraquitã de Ci, a índia guerreira, antes de morrer. Em determinado momento, perde o amuleto e Uiara, a sereia amazônica, o faz perder novamente a pedra verde. Até os dias de hoje, o muiraquitã é comumente comercializado em Belém como o amuleto da sorte, da prosperidade, da proteção.

Muiraquitã

E o eco indígena repete: Muiraquitã...
 A pedra verde da Felicidade.
 A pedra maravilhosa da Planície...
 Muiraquitã!...
 Os nossos avós, indígenas guerreiros
 traziam da batalha do amor
 com as guerreiras amazonas
 morenas de corpo,
 destemidas de alma,

a pedra que as fazia lembrar constantemente...
- Sempre a poesia^{117!} -

Esse pequeno compilado de poemas, com certa diversidade temática, descortina a estreia de Eneida no mundo literário a partir da familiaridade territorial e sanguínea, já que *Terra Verde* inicia com uma dedicatória à cidade natal da escritora: Belém. “Para a cidade onde nasci – / este livro, / como se fosse um ramo de rosas vermelhas / no túmulo de meus pais / Stª Maria de Belém, 1929”. O tom autobiográfico também ecoa nos poemas “Oração do meu orgulho”: “Eu sou de uma cidade risonha, / onde as mangueiras cantam / canção do vento...”; “Cântico de Amor”: Ah! As manhãs gloriosas da minha terra! / da minha terra morena como a Iara, / da minha terra moça e linda...”; “Paisagens I”: “Da minha janela eu vejo / uma paisagem que põe mais verde os meus olhos. É um grande cercado pintado de verde, / coberto da relva cor de esperança ”; e “Minha Terra”: “Minha terra, / minha terra, / onde tem tanta coisa bonita, tanta coisa gostosa, / tanta coisa cheirosa... / Minha terra! / roceirinha linda e ingênua, / coberta de estrelas, / cheinha de lendas...”

Esses versos livres denotam a identidade da autora em perspectiva. A autobiografia possibilita ocupar-se de si, se pensar enquanto indivíduo, se reconhecer, a escrita de si carrega uma espécie de libertação. A escrita de Eneida é uma tomada de consciência, vislumbra se apoderar de um “eu” que tem clareza da negligência acometida a sua terra, ou melhor, a região amazônica.

Por um modernismo filógeno

Em *Terra Verde*, Eneida não arroga de modo explícito seu lugar de mulher amazônica. A autora buscou muito mais divulgar a ambiência, a geografia, as particularidades inerentes a Amazônia. Ao mesmo tempo, teceu um apelo nacional para que considerem a região Norte. O jogo poético de Eneida se estabelece entre o convite e a exaltação.

Compagnon alertou: “mas qual seria a história daquilo que não teve posteridade, a história da não recepção da arte e da literatura? Qual seria a história dos insucessos da história^{118?}” Nove décadas se passaram para uma segunda edição de uma obra poética

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 64.

¹¹⁸ COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1996. p. 49.

de autoria feminina. Cabe inquirir: qual o peso do passado para quem somos hoje? Eneida buscou incessantemente representar e demarcar sua origem com vistas a alargar a perspectiva acerca da brasilidade na literatura. Ao reivindicar um lugar no cenário nacional, evidencia um falseamento da realidade para além do campo literário.

Afinal, nossa história nacional é marcada por uma organização estrangeira: delimitação territorial e cartográfica são exemplos disso. O mapa nada mais é que uma enunciação, uma prática organizadora do espaço que também redireciona às noções de identidade e pertencimento. Não podemos esquecer que o mapa não reflete a realidade, mesmo aquilo que “não se preenche” também é dotado de significado. A cartografia condensa um olhar sobre o mundo, na medida em que seus executores recortam, apreendem e transpõem o desenho do mundo e de diversas regiões. Exemplo disso são os povos indígenas que conviveram (e convivem) com essas demarcações territoriais, mas foram (e são) abruptamente alijados de sua espacialidade. Assim, o mapa não reflete a ordem social vigente, mas também produz e reproduz formas de compreensão do espaço e da temporalidade. Ainda que de modo tímido, essa organização do espaço a todo momento é evocada na obra *Terra Verde*.

Não devemos perder de vista que a obra de Eneida dialoga com um contexto inquietante acerca da identidade nacional. O Brasil recém-independente buscou forjar uma similaridade num território vasto e diverso. Hino, bandeira e Constituição são representativos dessa tentativa. Além disso, tem-se a criação, em 1838, do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) o qual buscou produzir e promover uma identidade social, cultural e política. Em 1840, o IHGB realizou um concurso para eleição do melhor manual sobre como deveria ser escrita a história do Brasil. Von Martius, um naturalista de origem alemã, venceu com um texto que tem como chave analítica a miscigenação racial. Por ser europeu, a autoria nos inquieta: por que deixar a cargo de um estrangeiro a reflexão sobre a nossa história?

Em finais do século XIX e início do XX, esse e tantos outros paradoxos nortearam uma produção cultural assentada em um paradigma alheio à realidade brasileira. O espírito e a moda da Semana de 22 se devem à Europa, contudo, esta foi esboçada a fim de refletir sobre questões nacionais. É indiscutível o esforço dos modernistas em fundar uma inteligência artística brasileira. Anos depois da Semana, Mário de Andrade concluiu não haver um elemento cultural unificador no país e, sim, um estado de espírito revoltado e revolucionário. Eneida, no poema “Voz de sangue”,

demonstra esse sentimento, mostra-se engajada em incutir uma *anima* agregadora da região Norte.

[...] Vinde artistas do Brasil,
 aqui,
 neste pedaço de chão
 vive toda a Arte Nova,
 toda a Arte sonhada...
 Vinde ver os nossos pôr de sol,
 as luas claras,
 as Iaras,
 as lendas sutis,
 as frutas vermelhas!
 Vinde sentir
 aqui o Sol!
 o Sol!
 Vinde aprender aqui
 o que é o Brasil,
 o quanto vale,
 o quanto orgulha
 ter-se nascido
 sob este céu!
 sobre este chão¹¹⁹!

Sem dúvidas, narrar sobre a Amazônia é o trunfo poético de *Terra Verde*. Em *Terra Verde* tem-se uma profunda correlação entre o sujeito amazônico e seu meio; seja no vigor do caboclo (personagem recorrente) ou na demonstração de um espaço abundante pela natureza. Em *Terra Verde* também há sinais da inocência, do ufanismo, do romantismo, da exaltação, com uma ótica por vezes sacra da região Norte. Contudo, a grandeza de Eneida foi percorrer um espaço clandestino, apresentar o homem comum amazônico e convidar o Brasil a descortinar um Brasil à margem. Nem protagonista, nem mártir, apenas uma mulher que escreveu. Eneida se lançou na escrita pela poesia em uma sociedade profundamente misógina e questionadora da intelectualidade feminina.

Cabe observar que, mesmo com o livro dedicado à espacialidade amazônica, Eneida dedica um poema intitulado “...Do coração” a sua mãe: “[...] Mãe, doce confidente, boa amiga... / A morte levou-a, / e foi nesse dia que eu mais odiei a Vida... / Minha mãe / Minha maior saudade!” Isso diz muito sobre a sociabilidade e a condição feminina no entresséculos. O feminismo permite uma recriação de nós mesmas, uma espécie de liberdade em relação a vários padrões de vida, naturalizações, valores.

É tempo de questionar e deslocar os discursos, afinal, a história das mulheres não é algo óbvio como por vezes nos fizeram acreditar: submissas, emudecidas,

¹¹⁹ *Ibidem*. p. 85.

amedrontadas. É preciso reivindicar novas formas de leitura do modernismo: um modernismo também narrado por mulheres. Contudo, Eneida segue alijada desse cenário, mas isso vem mudando quase como uma exigência do tempo presente.



Figura 12: Eneida

Fonte: Reprodução / Jornal O Liberal

Na obra *O riso da Medusa*, a autora, Hélène Cixous funde dois verbos: écrire (escrever) e rire (rir). Eis que surge o verbo *écrire*: alegria no ato de escrever. Mesmo sem conhecer tal palavra, pode-se dizer que Eneida foi aguerrida em tal ação. Fiquemos com essa imagem e, acima de tudo, com seus escritos.

Entre a memória e a utopia: a busca por uma literatura filógina (considerações finais)

Neste estudo, buscamos apresentar a conjuntura social, cultural, educacional, sobretudo, pela perspectiva feminina. Nesse sentido, procuramos apresentar a sociabilidade destinada às mulheres e como elas enfrentaram um contexto assentado em ambivalências: ensino de meninas e meninos separado, ascensão do movimento feminista, busca por direitos políticos, luta pelo voto e impasses para a escrita literária permearam a existência de muitas mulheres. Assim, a pesquisa empenhou-se em contribuir para a ampliação da memória das mulheres.

Onde estavam as mulheres? O que faziam? Repito os questionamentos presentes no primeiro capítulo da dissertação, afinal, a historiografia é masculina. Fomos e ainda somos conduzidos por tal leitura. Mesmo com vasto acesso a pesquisa, livros, palestras, a educação ainda hoje é, majoritariamente, pautada nos homens. Assim, apresentar o mundo das mulheres no entresséculos e adentrar no mundo educacional possibilitou compreender as adversidades, os desafios e enfrentamentos vivenciados para que se concretizasse uma publicação de autoria feminina.

Outro debate relevante que atravessou a pesquisa foi a percepção feminista do mundo. Ao mapear na imprensa artigos sobre a pretensa “inferioridade feminina”, percebemos como a sociedade operou para ratificar à mulher uma condição indigna de qualquer liberdade, individualidade, direitos. Tal fato ilumina a compreensão em torno das dificuldades intrínsecas para uma mulher publicar e assinar seu trabalho literário. Afinal, assinatura é individualização, é autopercepção, é designação, é representação. E isso, de diversas formas, foi reforçado na imprensa não ser condizente para as mulheres.

Paralelamente, cresciam textos que reivindicavam por mudanças; notícias de diversos países sobre o avanço do feminismo, a conquista de direitos políticos, de direito à educação, também marcaram presença e influenciaram a vida de muitas mulheres. Nas décadas iniciais do século XX é crescente a contribuição feminina nos periódicos paraenses. Apesar da popularidade dos folhetins, a assinatura feminina na imprensa paraense concentrou-se majoritariamente em poemas. Religião, maternidade, luto, amor romântico, desilusão, conflito interno, delineiam os temas predominantes de autoria feminina.

Apesar de diminuto, outro tema nos chamou atenção: o espaço amazônico. Adalcina, Elmira e Iná manifestaram, de diferentes formas, sua espacialidade. A figura do caboclo, o animismo e o Círio de Nazaré (maior festa religiosa católica do mundo e também Patrimônio Imaterial da Humanidade) entoam os poemas de tais autoras. Contudo, Eneida destacou-se por publicar, em 1929, um livro inteiramente dedicado à Amazônia. Lendas, ufanismo, romantismo, sincretismo e, acima de tudo, um desejo de apresentar e reivindicar maior valorização da Amazônia e da região Norte.

Em meio a tantas contrariedades e adversidades, as mulheres conseguiram alicerçar sua assinatura, suas palavras, sua existência. Não é porque a educação era castradora que todas as professoras e meninas aceitavam tudo. Não é porque a imprensa sempre foi majoritariamente masculina que mulheres deixaram de escrever e publicar. Não é porque o mercado dos livros sempre priorizou a assinatura de um homem que mulheres não se lançaram na escrita. Os exemplos presentes na pesquisa e que fiz questão de nomear e situar reforçam as ambivalências do período.

No fim das contas, essa pesquisa buscou reparar a memória e os escritos de tantas literatas escamoteadas, ocultadas, esquecidas. Assim, é hora de recordar e reafirmar um passado narrado por mulheres e, claro, ecoar suas palavras.

Fontes e referências bibliográficas

Fontes

Jornais, Periódicos e Revistas – Obras Raras da Biblioteca Pública Arthur Vianna¹²⁰:

A Pátria Paraense (1894)*	A Arena (1887)	A Penna (1911)	Cenáculo (1900)*	Correio Paraense (1892-1894)*
Diário de Notícias (1880-1898)*	Amazônia Brasileira (1930)	O Estado do Pará (1911-1980)*	Folha do Norte (1896-1974)*	Gazeta de Alenquer (1885-1908)*
Guajarina (1919-1937)	O Crepúsculo – órgão estudantino e litterario (1890-?)	Belém Nova (1923-1929)	A Cigarra (1921)	Flirt – Revista Ilustrada (1931)
Officina litteraria (1899-1900)*	O Aprendiz (1890)	O Industrial (1895-1907)*	O Jornal (1900)*	O Pará (1897-1900)*
O Caixeiro (1889)	O Evoluir (1889)	O Gladio (1890)	O Pimpão (1891)	O Trabalho (1889)
Revista Estudantina (1890)	Revista Familiar (1883)	Escola Revista do Professorado do Pará (1934-1935)	Terra Imatura (1938-1940)	

*Com o intuito de evitar repetição, foram marcados com asterisco os periódicos que possuem correspondência na Biblioteca Nacional.

¹²⁰ Ver: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/>

*Periódicos – Biblioteca Nacional*¹²¹

A Constituição (1874 – 1886)	A Voz do Caixeiro (1890)	A Republica (1886-1900)
Annuario de Belém: Em comemoração do seu Tricentenário 1616-1916 – Historico, Litterario e Comercial (1915)	Caridade (1893)	Gazeta Postal (1892 – 1893)
O Academico (1868)	O Democrata (1890 – 1893)	O Liberal (1869 – 1899)
Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (1891-1930)		

¹²¹ Ver: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

Documentos oficiais

BELÉM. Intendente Municipal (1898-1911: A. J. Lemos). *Álbum de Belém: 15 de Nov. de 1902*. Paris: P. Renouard, 1902.

BRASIL. *Constituição Política do Imperio do Brazil. 25 de março de 1824.*

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm

BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. 24 de fevereiro de 1891.* http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm

BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. 16 de julho de 1934.* http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm

BRASIL. *Constituição dos Estados Unidos do Brasil. 10 de novembro de 1937.*

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm

PARÁ. Governador (1897-1901: J. P. Carvalho). *Álbum de Belém em 1899*.

PARÁ. Governador (1901-1909: A. Montenegro). *Álbum do Estado do Pará*. Chaponet, 1908.

Bibliografia

- ANDRADE, Gênese (org.) *Modernismos: 1922 – 2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: volume 1: fatos e mitos; volume 2: a experiência vivida*. Tradução: Sérgio Milliet. – 6. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas. V. III, 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 4. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974. .
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (Momentos decisivos)*. 2v. 2. ed. revista. São Paulo: Martins, 1964.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Tradução: Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Bazar do Tempo, 2022.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997.
- DINIZ, Débora; GEBARA, Ivone. *Esperança feminista*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado*. 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução: Waltensir Dutra. – 7. ed. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2019.

- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)*. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas.
- FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Tradução: Carla Bitelli e Flávia Yacubian. 1. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Organização: Flavia Rios e Marcia Lima. São Paulo: Editora Zahar, 2020.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *O autor como máscara. Contribuição à arqueologia do impresso*. In: Modernização dos sentidos. São Paulo: Editora 34, 1998.
- HELLER, Barbara. *Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil*. Tese de doutorado, Unicamp, 1997.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Unicamp, 2003.
- MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.
- PERROT, Michelle (organização). *História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução: Denise Bottmann, Bernardo Joffily – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução: Angela Côrrea. 2. ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Introdução: Maria Stella Martins Bresciani; Tradução de Denise Bottmann. – 8ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- RAMALHO, Maria Irene. *Os estudos sobre as mulheres e o saber; donde se conclui que o poético é feminista*. Ex aequo, Lisboa, n. 5, p. 107-122, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. Editora: Companhia das Letras, 1987.
- TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. Editora: Intermeios, 2012.

ZAPPONE, Miriam Hisae Yaegashi. *Estética da Recepção*. In: Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Organização: Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3ª edição (revista e ampliada). Maringá: Eduem, 2009.

WOOLF, Virginia. *Mulheres e ficção*. Tradução de Leonardo Fróes. – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

WOOLF, Virginia. *Três Guinéus*. Organização, tradução e notas: Tomaz Tadeu. Posfácio: Naomi Black. Editora Autêntica – 1ª ed. 2019.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso; [capa: Andrea Vilela]. 1. ed. – São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Tradução: Ivania Pocinho Motta. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.